Ano II — nº 21
Natal, Novembro/1989
Distribuição Gratuita

O GALO

Jornal Cultural
Fundação José Augusto
Cia. Editora do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

O velho e o Mar 03
Notas sobre a linguagem ..... 04 e 05
Notícia breve acerca de Stevie Smith..... 06 e 07
O Difícil Anonimato 08
Hoje é hoje 09
A Genealogia da Palavra ..... 10 a 12
A Resistência Palestina 13
O poeta Ernani Rosas, uma tentativa de retrato..... 14
Narciso 15
Fragmento do depoimento de Zanatta ..... 16 a 19
Lixo atômico para o Nordeste? 20
Gatos e telhados 21
Oswaldo Lamartine, o encourado semiótico ..... 22 e 23
Crônica de 7 faces ..... 24 e 25
A in-formação na formação da Literatura Brasileira 26
Caderno do Vento 27
O Galo Conta ..... 28 e 29
Livros e Autores 30
Cartas 31

EXPEDIENTE

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

Governador
Geraldo Melo

Presidente da Fundação José Augusto
Woden Madruga

Diretor Presidente da Cia. Editora do RN
Walter Medeiros

JORNAL O GALO

Editora
Marize Castro

Redator
Anchieta Fernandes

Assessoria especial
J. Medeiros

Diagramação e Programação Visual
Gilberto Alves dos Santos

Revisão
Brígida Mafra de Macêdo
Augusto Santana

Arte Final e Montagem
Socorro Soares

EDITORIAL

Em quase final de década sabemos que este é o momento de cada ser e cada coisa serem mais plenamente aquilo que são. Portanto está cada vez mais nítido que o máximo de verdade interior e o máximo de pesquisa formal resultam em verdadeira arte. Neste 21º número de O Galo continuamos a nos desvendar e nos colocamos, sem pudor algum, como porta do lance pluriestético. Afinal, estar atento sempre nos fascinou. Somos filhos e críticos de nós mesmos. Que venham a nós, Na Tal cidade do sol, toda a modernidade e todo o começo do antigo. Que venha Noventa!

Marize Castro

Capa: Marcelo Fernandes.
Artista Plástico Natalense

Redação: Rua Jundiaí, 641 — Tirol — Natal — Rio Grande do Norte — CEP 59.020 — Tel.: (084) 221-2936. **A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados. Eles não refletem necessariamente a opinião deste jornal. A editoria de O Galo também se reserva o direito de publicar ou não colaborações não solicitadas, bem como não se responsabiliza por sua devolução.**

O VELHO E O MAR

Sergio Campos

O velho movia o barco
o barco movia o velho
como se fosse evangelho

Durante quarenta anos
estes dois foram no bóreas
como se fossem estória

Pescavam lançando a rede
ou rastreando no anzol
como se fossem de sol

Um dia o velho pediu
ao barco lhe dar remissa
como se fosse uma missa

Muitos anos mar afora
o barco fiel o levava
como se fosse a uma fava

O velho já não pescava
mas o barco ia à função
como se fosse extrema-unção

Quando o velho enfim morreu
o barco deu-se ao recife
como se fosse o esquife

Eduardo Nascimento

Sergio Campos (RJ), poeta carioca, crítico de literatura e tradutor. Vencedor do "Concurso Nacional de Poesia Cidade de Belo Horizonte", em 1989, com o livro inédito "As Iras do Dia".

Notas sobre as linguagens e a criação

(para uma primeira circunscrição da dimensão mental da arte.)

Mário Borillo
Tradução: Carlos Braga

Mario Borilo (revista DOC(K)S — n: 19)

Conversando uma noite com J.M e J.M.M.: a dança como linguagem? A criação — a poiesis — como ruptura nas produções convencionais (consagradas) desta linguagem? Ou como subversão da própria linguagem?

Primeira hipótese — Uma exploração inédita das possibilidades combinatórias de um sistema; considere o francês escrito, seu léxico, sua sintaxe: você cria frases, simples ou complexas (a gramática é recursiva), organiza essas frases num texto, eventualmente obedecendo às leis da versificação... Salve Alamo, a nós os sonetos mecânicos! Justamente, mesmo que **nenhum** deles jamais tenha sido escrito, como explicar que alguns, e somente alguns, possam induzir a intuição de um texto interessante, de uma criação?

Atenção! Versificação, som. A poesia se honora. (1)

A propósito, será possível "compor" no sistema dos sons do francês sem pronunciar uma só palavra do nosso belo idioma? Sim? Seria ficar com a primeira hipótese... no nível fonético. Mas passar à segunda no que se refere ao nível lexical.

Segunda hipótese -- Trata-se aqui de modificar o próprio "sistema de produção" (A linguagem). E para lembrar a evidência de que o leitor-ouvinte-espectador participa do ato de criação com suas próprias experiências pensamentais, imaginemo-nos a ouvir um poeta tibetano clássico na sua língua: pura poesia sonora se não formos tibetófonos.

É possível ir além: nosso tibetano é ele próprio um poeta de vanguarda (que sobreviveu aos expurgos mao-leninistas) e manifesta sua intenção fraterna de criar apresentando um recital de performances multimídia num campo de refugiados do Nepal... Que podem significar para eles feixes de raios laser?

Linguagens, níveis de linguagem (com seu modo de usar), estados mentais, experiências pensamentais, que boceta de Pandora a arte de vanguarda foi abrir?

Troquemos o Himalaia pelas margens do Sena e a deriva dos continentes (2ª hipótese) pelo deslocamento das terras (a 1ª).

Retorno ao francês, à métrica clássica, e já um enigma. Essencialmente a mesma linguagem, as mesmas regras de composição, quase o mesmo mundo... Baudelaire ou Sully-Prudhomme. O gênio? Sim, naturalmente, e daí? Se não podemos atingir os nervos do problema, por que não perambular ao redor?

Primeira digressão sobre o cérebro do leitor-ouvinte-espectador.

Quando era criança e verdadeiramente bilíngüe, eu lia o grande Blasco Ibañez em castelhano. Agora que o Francês se tornou por assim dizer minha língua materna, eu o deveria ler em francês (existem excelentes traduções), mas não quero mais. Não é interessante. Restam-me suficientes recordações da minha vida anterior para me fazer sentir (saber) que "riz" não diz "arroz".

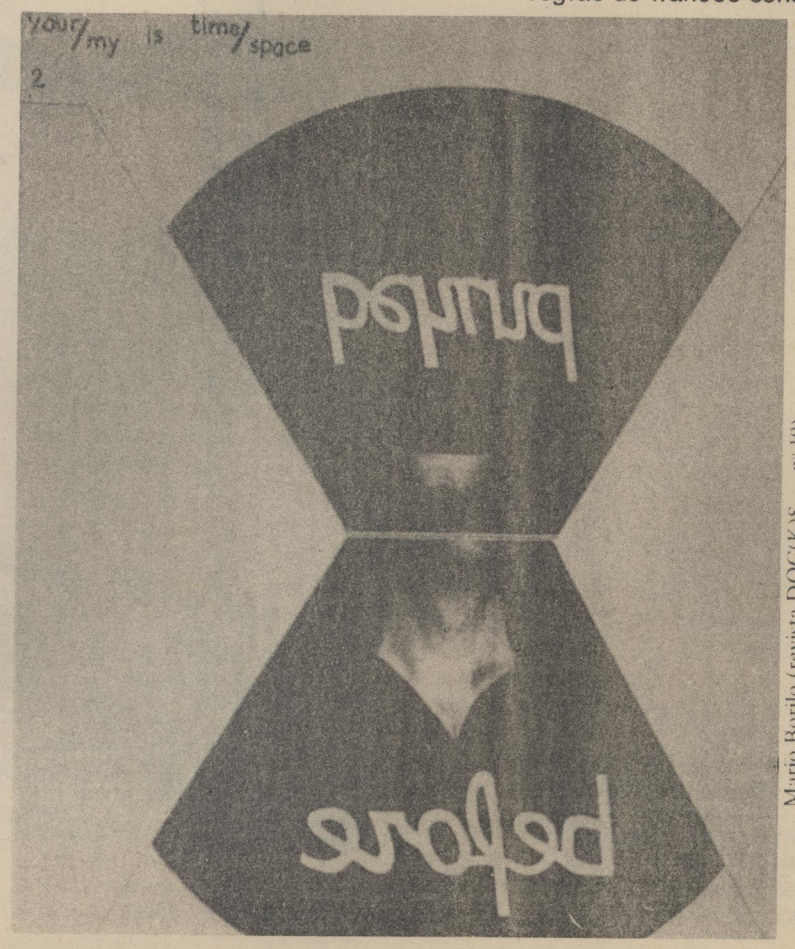
É necessário ter sido gerado num ventre inglês para ler de fato William Blake? É verdade que podemos olhar para ele: o olho é um outro problema.

As imagens, os signos não-escriturais, o movimento (do corpo, entre outros) para construir a dança. Deixemos de lado a questão complexa de saber se se trata realmente de uma "linguagem" (seria preciso esclarecer de qual coreografia, de qual balé estamos falando), sem esquecer que nem tudo o que chega aos nossos olhos, aos ouvidos, à pele, se constitui como linguagem. Pode ser uma simples sensação de quente e frio. Como ultrapassar a sensação? Não seria peciso decidir que as frieiras são interessantes para representá-las mentalmente como algo diverso? No outro extremo na ordem da complexidade, de que modo o espetáculo de um balé chega ao cérebro? Quero dizer: sobre o que se fundamenta para provocar sentido, emoção...? Que estrutura subjacente é favorável à emergência de tais estados mentais?

Fim da digressão.

Retorno à linguagem sem aspas com Stéphane M. Ele seleciona léxicos bem particulares e sua sintaxe é tão rebuscada quanto possível. Isso não seria suficiente para produzir um Mallarmé — sempre o resto, o gênio, seu "cérebro filtrante" — mas, enfim, é algo notável. Mais uma vez, a presença de Alamo na dissecção-reprodução.

Em seguida, Stéphane passa para a segunda Hipótese. Ele não faz unicamente um outro uso da mesma linguagem do verso, tal como o velho Roman Jakobson poderia tê-la definido: no infinito daquilo que seus neurônios lingüístico-literários eram capazes de produzir obedecendo às regras do francês-soneto, os mesmos



Mario Borilo (revista DOC(K)S — n: 19)

neurônios, ou outros, só retiveram o que está incluído na categoria "sonetos" de suas Obras Completas. Ele opera também numa outra dimensão: o espaço visual. E com isso, extrapola o francês de Charles e René-François.

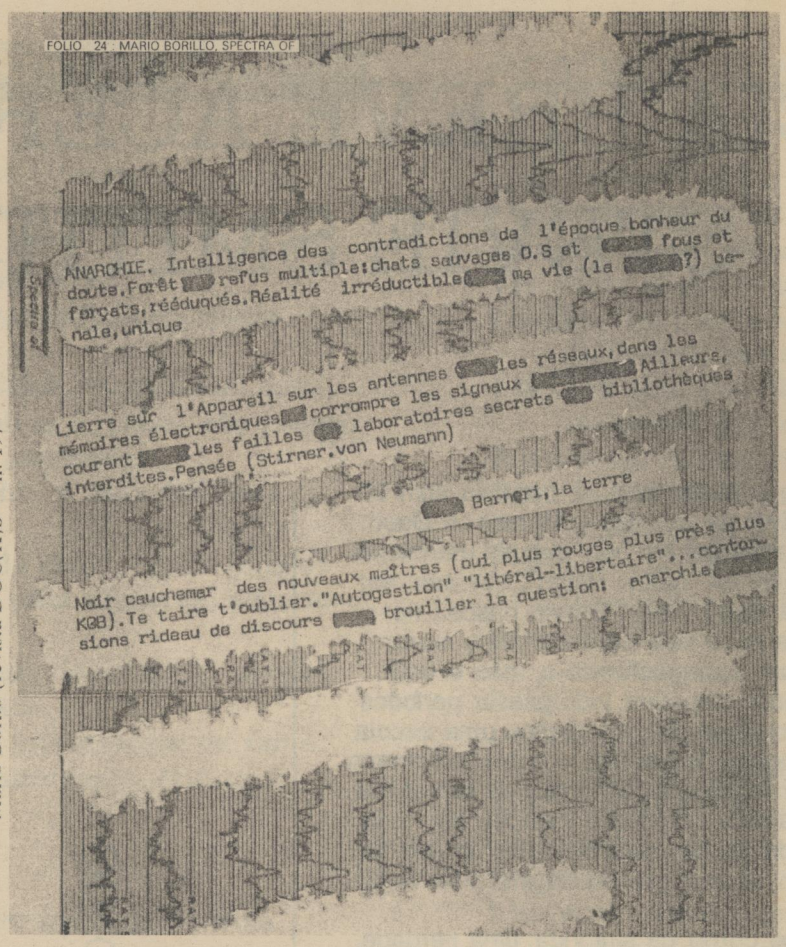
Sua linguagem inclui o espaço da página, do livro, mas dessa dimensão é muito mais difícil isolar o "léxico", a "gramática", a "semântica". É somente por metáfora que falamos aqui de linguagem, enquanto Jacques Virbel não definir de modo sutil seus componentes. Podemos escrever uma língua sem conhecer **explicitamente** sua gramática, é o que todos nós fazemos. Na percepção da escrita deve ocorrer algo da mesma ordem, senão como distinguiríamos o "ofício", a "qualidade" do tipógrafo, do maquetista?

Stéphane transgride as regras da tipografia ordinária e esta violação — sabe-se lá por que motivo — encontra no cérebro (o gênio?) do leitor-olhador uma correspondência que... que... enfim, o que sabemos sem nunca poder expressar.

Inútil refazer a gênese da modernidade. Considere as duas atitudes juvenis da vanguarda. No primeiro caso, você parte de uma linguagem estabelecida, o francês-Gallimard, por exemplo (mas poderia ser o balé clássico, diz-me J.M.M., seus constituintes e sua combinatória formam praticamente uma linguagem, sob a condição de não esquecer que a sua "semântica", que ele induz mentalmente, procede de maneira específica. E, como sempre, misteriosa.), língua que você utiliza modificando-a num dos seus níveis. Por exemplo, um "cadavre exquis" (2) será surpreendente sintaticamente e sobretudo semanticamente como discurso, porém sem relevo particular no seu léxico. Novamente, este tipo de transgressão não é suficiente, mesmo estendido a outros componentes da linguagem, para conduzir a um objeto-poema (ou a um balé) necessariamente interessante. Mas seria errôneo vê-lo apenas como provocação ou simples procedimento. Talvez devêssemos reconhecer nele simultaneamente a primeira manifestação do desejo de ruptura da vanguarda e uma heurística a serviço de experiências sobre a criação.

A ruptura foi levada mais longe. Saímos da órbita, ou melhor, nós a modificamos. É a hipótese nº 2: trabalho sobre o espaço da visão, sobre os sons, sobre as situações de leitura, de representação, de **performance...** e finalmente sobre todos os canais sensoriais e, potencialmente, sobre o sem-fim das experiências existenciais, as suas, as minhas, as do espectador. Sobre tudo aquilo que faz sentido, ou mesmo sensação.

A trangressão vai muito além da linguagem, escrita, versificada, ou mesmo falada. Ela pode incidir sobre as convenções sociais, as idéias



Mario Borilo (revista DOC(K)S — nº 19)

consagradas, os costumes (bons ou maus, de acordo com o contexto), os comportamentos previsíveis... Mas também — por que não? — sobre o prazer ou o desprazer físico que advêm dos odores, dos sons, das percepções táteis. A poesia, o espetáculo multimídia, onde a experiência em princípio poética assumiu frequentemente a forma de uma escalada puramente tecnológica, como no rock business. De incorporação sensorial em complexificação cênica, a poesia de vanguarda reinventou a ópera, uma ópera selvagem, razoavelmente "desestruturada", o que às vezes não é mau. A poesia global deixará suas próprias obras-primas em nossas memórias ou em bases magnéticas.

Aproxima-se entretanto o final da escalada. Será preciso encontrar uma alternativa para o grande transbordamento que nós já percorremos — ou então antecipem a ópera termonuclear! E somente os nostálgicos incorrígiveis podem achar uma saída na regressão, a volta ao alexandrino puro e duro (ou o saiote de preguinhas). Com a ironia e a distância, talvez (Alamo de novo); mas é diferente. Nós mudamos nas nossas cabeças.

Será preciso reler o **Manifesto de Qualquer Coisa** com o qual Julien Blaine, oracular como de costume, iluminava violentamente este paradoxo central: enquanto tudo (qualquer coisa) pode concorrer para a emergência nua da poesia, muito, muito, muito, muito pouco desse qualquer coisa configurado em conjunto induz esta espécie de estado mental que uma certa categoria de espíritos (estarei sendo bastante prudente?) reconhecerá como poético. DOC(K)S, revista de poesia experimental que nós, leitores, fazemos com os olhos.

O espectro dos meios expressivos está saturado. Mais importante ainda, unificado. A tecnologia pode fornecer outros meios, o que não é mais essencial, a vanguarda abriu o caminho. A grande questão, creio, é saber se é possível aprender a "escrever" com qualquer coisa (tudo), alcançar uma espécie de maestria expressiva standard, sem ter necessariamente a ambição de "criar", simplesmente para explorar as potencialidades de comunicação do dispositivo. Para fazer publicidade, por exemplo — Goude como modesto escriba multimídia amanhã, passada a surpresa.

É cedo demais para sabê-lo, porque estamos ainda como crianças maravilhadas pela emergência das coisas. Mas é preciso esperar que sim, para que, no papel de "emissores" ou de "receptores", cheguemos a dominar a complexidade múltipla dos suportes e das formas da mensagem, do mesmo modo que aprendemos a ler e a escrever, a fazer filmes e apreciá-los... Então se delinearia uma espécie de "linguagem", um sistema de referências, de resto evolutivo, dinâmico, que criaria para cada uma de suas estabilidades provisórias a possibilidade do desvio, da surpresa, da invenção... em suma, da criação. Numa tal multiplicidade de planos expressivos que nos permite imaginar que todas as funções mentais seriam postas em ação (à prova) simultaneamente.

A poesia finalmente elevada à sua posição panóptica de experiência mental global. Adriano Spatola vê o dia amanhecer sobre Parma. Chegamos lá? Ainda não. Mas o movimento se esboça, ó pós-vanguardas que praticais as experiências necessárias, àquelas que nenhum espírito convencional poderia ter concebido, e que exploram no entanto a complexidade das correspondências entre a multidimensionalidade do mundo sensível (exterior) e a geração infinita das representações mentais.

Haveria como que regularidades discerníveis nestas relações? A hipótese "cognitiva", segundo a qual a verdadeira criação contribui para a emergência de uma "linguagem" nova, ficaria então fortalecida — a antiga intuição de que poesia, arte, são provedoras de linguagens para o gênero humano. Numa expansão recursiva: emoção e conhecimento da emoção, pensamento e conhecimento do pensamento... pares doravante inseparáveis, engendrando-se um ao outro.

Amanhece sobre o Garona. Hora de ir dormir.

NOTAS DO TRADUTOR

(1) A frase "La poésie s'honore", do original, tira partido da exata homofonia entre o verbo (**s'honore**) e o adjetivo (**sonore**) franceses. Ao traduzi-la, procuramos restituir o efeito, aproveitando a lição de Augusto de Campos quando verteu para o português o famoso soneto em ix de Mallarmé — do qual com certeza nosso autor se lembrou ao escrever sua frase.
Dizem os dois versos finais do segundo quarteto deste soneto:
(Car le Maître est allé puiser des pleurs au Styx Avec ce seul objet dont le Néant s'honore.)
Na tradução de Augusto de Campos:
(Que o Mestre foi haurir outros prantos no Styx Com esse único ser de que o Nada se honora).

(2) Esta expressão "refere-se à famosa experiência de poesia aleatória e coletiva dos surrealistas, na qual, sobre uma estrutura sintática simples, os participantes, ignorando o restante da frase, escrevem um de seus elementos. O resultado de um dos primeiros ensaios foi: **le cadavre** (subst.) **exquis** (adj.) **boira** (verbo) **le vin** (subst. complemento) **nouveau** (adj.). Nesta banalidade (**boira le vin nouveau**) a relativa informação fornecida pelo sintagma nominal sujeito pareceu tão maravilhosa que o grupo chamou **cadavre exquis** ao próprio jogo." (Alain Rey e Sophie Chantreau, **Dictionnaire des Expressions et Locutions**, Paris, Le Robert, 1979, pp. 136-137). Em português: O cadáver requintado beberá o vinho novo.

Mário Borillo é catalão, poeta visual, mora na França (Paris).

NOTÍCIA BREVE ACERCA DE STEVIE SMITH

Quando Stevie Smith publicou seu primeiro livro, já contava com 33 anos de idade. Tinha submetido seu livro de poesias intitulado 'A Good Time Was Had By All' mas os editores acharam por bem que ela estreiasse com uma novela. Stevie escreveu 'Novel on Yellow Paper', que saiu em 1936. No ano seguinte foi a vez do 'A Good Time'. Stevie nasceu no Yorkshire (Hull) e com a idade de três anos veio para Londres, morar com uma tia em Palmers Green. Vieram acompanhando-a, mãe e irmã. Teve problemas de saúde por vários anos seguidos, indo passar períodos longos em um lar para crianças tuberculosas. Depois cursou uma escola que tinha por pressuposto a plena igualdade de condições entre os homens e mulheres. Apesar disso, não foi à universidade, tornando-se secretária para a Casa editora de Newnes e Pearson, cargo que exerceu por toda a vida, somente abandonando-o quando foi necessário cuidar da sua tia que estava doente. Stevie fez este serviço com grande alegria, pois 'Aunt' (the lion) era como ouro brilhante.

Stevie amealhou algumas posses no correr da sua vida; uma herdade, alguns bens, isso graças ao conhecimento financeiro adquirido na convivência do escritório. Stevie tinha na sua conversação uma atração mágica, magnética, que levava da alta especulação metafísica, aos mexericos cotidianos e ao humor mordaz. longe de ter reflexos negativos, observa-se pela leitura de sua poesia, que essas **qualidades** são plenas de uma densidade mística perfeitamente camufladas por uma liguagem de sabor coloquial como só ela conseguiu aplicar à poesia. A qualidade da sua poesia é admirável, tanto mais verdade, que foi aclamada pela geração anterior ('de um brilho genial'), contemporâneos e pela nova geração. Seus temas favoritos são o amor e a morte mas explora com grande felicidade os temas religiosos. Essa mulher magrinha e delicada, vestida sempre como uma menininha, não aceitava como racionais os altos dogmas de sua formação Anglicana e mesmo os achava moralmente inferiores. Ora acreditava, ora não. Ora era agnóstica ou nenhum destes ou todos simultaneamente. Stevie não pensava que o suicídio fosse algo necessariamente errado e mesmo dizia que não queria que sua vida fosse prolongada quando prostou-se doente de um tumor cerebral. Então escreveu Come Death II (Vem, Morte! — o segundo destes poemas) com a palavra **morte** circulada. Morte, a única alegoria que não faltaria, que viria calma, como aquela **gentle friend.** Oh, venha rápido!

Os desenhos não foram feitos especificamente para os poemas mas como foram feitos por Stevie, o substrato neles é o substrato nos poemas e casam excepcionalmente bem. Ela dizia que os rabiscava e depois os colhia. Sempre foram usados nos poemas, menos quando eles apareciam em jornais. Surgiu seu livro 'Some Are More Human Than Others: Sketch-book by Stevie Smith' dedicado às gravuras. Exerceu atividade de crítica literária, de forma irregular, exceto quando fez um trabalho de dois anos para o jornal The Observer. O que dava enorme prazer a Stevie, na sua última década de vida, era palestrar, tanto em instituições como em escolas. É reconhecida como uma das grandes poetas da língua inglesa do século XX, aparecendo em antologia ao lado de um Joyce, de um Dylan Thomas, Yeats, Eliot, Sylvia Plath, Walter de la Mare etc. Os poemas aqui postos, são transcriações, e esperamos ter chegado um pouco no espírito dessa mulher fabulosa de nome Stevie Smith.

Texto adaptado e acrescido do prefácio de James Macglbbon para os 'Collected poems' de Stevie, por Elí Celso. S. Smith deixou de escrever definitivamente em 71.

TRADUÇÕES DE ELI CELSO DE ARAÚJO DA SILVEIRA

GOD AND THE DEVIL

God and the Devil
Were talking onne day
Ages and ages of years ago.
God said: Suppose
Things were fashioned this way,
Well then, so and so.
The Devil said: No,
Prove it if you can.
So God created Man
And that is how it all began.
It has continued now for many a year
And sometimes it seems more than we can bear.
But why should bowels yearn and cheeks grow pale?
We're here to point a moral and adorn a tale.

DEUS E O DEMÔNIO

Deus e o Demônio
Estavam um dia conversando
Há anos e anos, em idades primeiras.
Deus disse: Suponha
As coisas arrumadas dessa maneira
Bem, então, assim e assado...
Mas o 'não!' do Demônio foi presto usado:
Prove isso se for capaz.
E Deus então o Homem faz
Foi assim que tudo começou.
Agora, já faz tempo que as coisas estão a andar
E por vezes parecem ser mais do que podemos suportar.
Por que devemos ter o intestino frouxo e as bochechas de medo amarelas?
Estamos aqui só para fundar uma moral e adornar uma história entre tagarelas.

SOUVENIR DE MOUSIEUR POOP

Eu sou o auto-cognominado Defensor da Literatura Inglesa,
Acredito piamente na importância da idade;
E creio que um escritor é prudente aos 50,
Dez anos mais sensível aos 60, aos 70 um sábio.
Eu acredito que os novos devem ser vivamente encorajados
com discrição e certo desprezo,
Eu acredito também que eles têm vitalidade, simpatizam com
o comunismo, cultivam más maneiras e, claro, são jovens.
Mas eu nunca defino o que entendo por juventude
Porque a palavra que permanece indefinida é mais útil para
propósitos gerais de abuso.
Eu acredito que a literatura é uma escola onde apenas aqueles
que se dedicam diligentemente a seus afazeres, adquirem
algum mérito.
E estes, só após decorrido um bom número de anos (cf. acima).
mas eu serei então um velhinho retrógrado.
Eu sempre escrevo mais sob o efeito da tristeza que da raiva.
Eu sou, afinal de contas, dedicado à Shakespeare, Milton,
E, vindo até nossos dias,
Housman
Naturalmente.
Não lembro de algum dia ter dito qualquer palavra ofensiva
aos grandes clássicos,
Na verdade, eu me devoto aos grandes clássicos.
No estudo da literatura, creio absolutamente no princípio
da divisão;
Eu divido em períodos e também em escolas.
Isto está de acordo com minha mente escolástica, e me permite
polemizar
Não apenas a juventude
(Que pode ser considerada como intelectualmente pedante pelos
frívolos) mas igualmente as tendências periódicas
Para ventilar, em uma palavra, minha própria filosofia política
e moral.
(Quando eu digo que sou um velhinho retrógrado, eu estou, decerto,
blefando.)
A literatura Inglesa, como a concebo, requer ser defendida
Por uma pessoa de integridade e bom humor essencial
Contra as forças do fanatismo, idiossincrasia e da baderna.
Eu percebo perfeitamente a natureza perniciosa das minhas convicções
E, estou disposto a ir à fogueira
Por Shakespeare, Milton,
E, vindo até nossos dias,
Housman
Naturalmente.
Eu não posso dizer mais do que isso, posso?
E mesmo, não julgo que seja prudente, no interesse do editor
a quem estou ligado por contrato,
Só para ficar neste mínimo fato.

SOUVENIR DE MOUSIEUR POOP

I am the self-appointed guardian of English literature,
I believe tremendously in the significance of age;
I believe that a writer is wise at 50,
Ten years wiser at 60, at 70 a sage.
I believe that juniors are lively, to be encouraged with
discretion and snubbed,
I believe also that they are bouncing, communistic, ill
mannered and, of course, young.
But I never define what I mean by youth
Because the word undefined is more useful for general
purposes of abuse.
I believe that literature is a school where only those who apply
themselves diligently to their tasks acquire merit.
And only they after the passage of a good many years (see
above).
But then I am an old fogey.
I always write more in sorrow than in anger.
I am, after all, devoted to Shakespeare, Milton,
And, coming to our own times,
Of course
Housman
I have never been known to say a word against the
established classics,
I am in fact devoted to the established classsics.
In the service of literature I believe absolutely in the principle
of division;
I divide into age groups and also into schools.
This is in keeping with my scholastic mind, and enables me to
trounce
Not only youth
(Which might be thought intellectually frivolous by pedants)
but also periodical tendencies,
To ventilate, in a word, my own political and moral
philosophy.
(When I say that I am an old fogey, I am, of course, joking)
English literature, as I see it, requires to be defended
By a person of integrity and essential good humour
Against the forces of fanaticism, idiosyncrasy and anarchy.
I perfectly apprehend the perilous nature of may convictions
And I am prepared to go to the stake
For Shakespeare, Milton,
And, coming to our own times,
Of course
Housman.
I cannot say more than that, can I?
And I do not deem it advisable, in the interests of the editor
to whom I am spatially contracted,
To say less.

TODAS AS COISAS PASSAM

Todas as coisas passam assim:
Amor e Homens são capim.

ALL THINGS PASS

All things pass
Love and mankind is grass

Desenho de Stevie Smith.

Eli Celso de Araújo Dantas da Silveira (RN) é poeta, tradutor, artista plástico.

EMILY: O DIFÍCIL ANONIMATO

Augusto de Campos

no reino das letras e artes
onde as vaidades e os exibicionismos
conhecem todos os truques
e usam de todas as chantagens
da sentimental à política
para as "ego trips" do sucesso
fenômenos como o de emily dickinson
chegam a ser quase incompreensíveis
eu me pergunto
quantos
representantes
da espécie animal chamada homem
serão capazes de captar
tanta grandeza ética e estética

emily não teve nenhum livro editado em vida
desencorajada a publicar
pelo crítico thomas higginson
("not for publication..."
"not good enough to publish...")
a quem submetera por carta alguns de seus poemas
em 1862 (tinha então 32 anos)
respondeu-lhe:
"sorrio quando você sugere
que eu protele a "publicação"
— o que está tão longe de meus projetos
como o firmamento dos dedos
se eu conhecesse a fama
eu não poderia fugir a ela

se não a conhecesse
ela me perseguiria o dia inteiro
e eu perderia a aprovação de meu cachorro
minha condição de mendigo é melhor"

mulher-poeta
foi vítima de dupla discriminação
por ser mulher
e por ser poeta
original e intransigente

a densidade
de sua linguagem poética
a faz mais atual do que a de whitman
nenhum poeta norte-americano
(nem mesmo emerson ou poe)
tinha levado tão longe
a elipse e a condensação do pensamento
ou a ruptura sintática
até a pontuação foi por ela liberada
travessões interceptam os textos
substituindo vírgulas e pontos
e dando aos poemas
uma fisionomia fragmentária
já totalmente moderna

por isso tudo
só em 1890
quatro anos depois da morte de emily
e contra a opinião dos editores
("... os poemas são bizarros demais
e as rimas todas enviesadas..."
"... sempre me pareceu que seria imprudente
preservar do esquecimento
os poemas de miss dickinson...")
apareceu uma primeira seleção de seus poemas
custeada pela irmã
numa edição de 480 exemplares
e só em 1945 veio a revelar-se
mais de um terço da obra
constituída
ao todo
de 1.775 poemas
que só em 1954
tiveram edição completa e ordenada

fernando pessoa
que só teve um livro de poemas publicado em vida
o admirável *mensagem*
(prêmio de "segunda categoria" num concurso literário)
dedicou ao tema da fama póstuma
um lapidar ensaio
erostratus
em que afirma:
"quanto mais nobre o gênio menos nobre o destino
um gênio pequeno alcança a fama
um grande gênio alcança o descrédito
um gênio ainda maior alcança o desespero
um deus é crucificado"
"a maldição do gênio não é
como pensava vigny
ser adorado mas não amado
é não ser nem amado nem adorado"

thoreau
o desobediente-civil
disse antes:
"poeta é aquele que
como o urso
tem gordura bastante
para chupar suas patas durante todo o inverno
hiberna neste mundo
e se alimenta de seu próprio tutano"

um dia alguém perguntou a schoenberg
o músico radical
mais tarde exilado
para fugir à dupla perseguição nazista
por ser judeu
e por praticar uma "arte degenerada"
("arte decadente" ou moderna ou de vanguarda
na tradução jdanovista):
"o senhor é arnold schoenberg, o compositor?"
ele respondeu:
"alguém tinha que sê-lo
e como ninguém o quis ser
eu assumi esse encargo"

"não sou ninguém"
grande entre os grandes
dura e pura
coerente até o limite
("publicar
é pôr em leilão o espírito humano")
emily dickinson
preferiu o difícil anonimato
a trair a poesia

Texto publicado em **O Anticrítico** (Companhia das Letras — 1986)

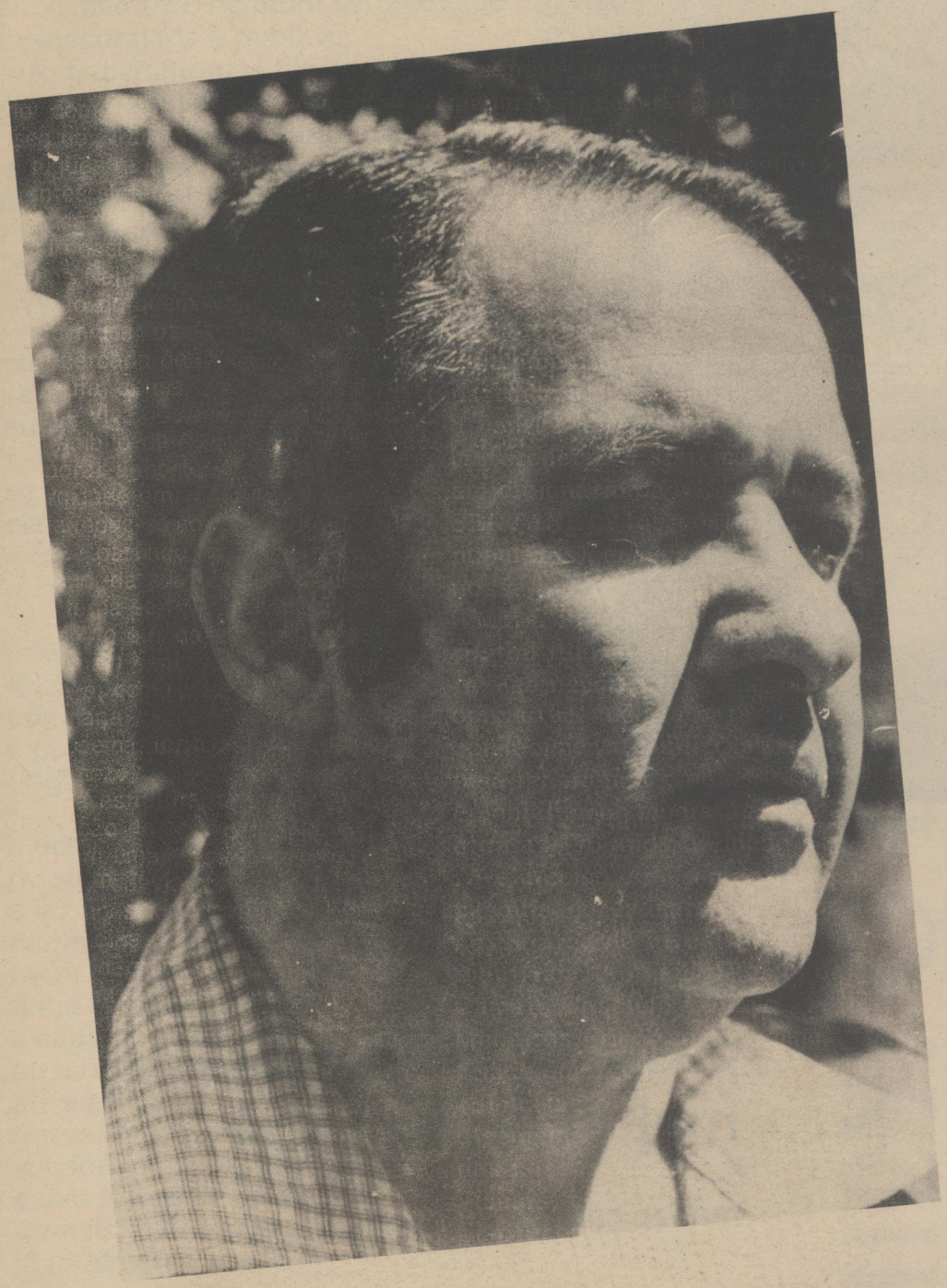
Godeiro Jr.

hoje é hoje
pássaro só no mar sou
mal nenhum aqui

marize castro

A GENEALOGIA DA PALAVRA

Nelly Novaes Coelho



"... a consciência da palavra é ir mudando; o julgar é o mudar; ser é transpor."

(Carlos Nejar)

Poesia que, nestes últimos trinta anos, vem num crescendo constante, se afirmando como das mais engajadas no atual processo de redescoberta e reordenação da tarefa do homem-no-mundo, a do gaúcho Carlos Nejar, recolhida em A GENEALOGIA DA PALAVRA oferece ao leitor uma constelação de poemas que gravitam em torno das mais significativas reflexões impostas pela Modernidade.

Seja pela afirmação do fenômeno poético como ato-de-criação inicial e originário (e não, simples meio-de-expressão ou imitação do real); seja como julgamento do homem-da-culpa-e-da-queda, consagrado pela civilização cristã e questionado pelo nosso século; ou seja ainda como tensa interrogação das tradicionais dicotomias: Homem/Deus; Efêmero/Eterno; Absoluto/Relativo; História/Verdade Existencial... a poesia nejariana é das que, em nossos tempos, têm-se empenhado em descobrir (inventar ou criar?) um novo Deus, um novo Homem, uma nova História, uma nova Ética e uma nova Metafísica.

A presente antologia, resultante de uma seleção "pessoal" (e, portanto, passível de discordâncias por parte do "leitor interessado"), registra (em ordem cronológica inversa: dos mais recentes aos mais antigos) poemas de quase todos os livros publicados por Nejar desde 1960, quando estréia com SÉLESIS, e instaura no universo da Poesia Brasileira, uma palavra forte, solene, concisa e sibilina, cuja obscuridade conceitual resulta da zona do oculto por onde o poeta se embrenha.

Não é fácil (ou melhor, é perigosa...) toda tentativa crítica que se debruce sobre uma poesia metafórica e complexa como a de Carlos Nejar, para reduzí-la a um discurso lógico. Entretanto, esse é o papel do crítico. Como disse Jacinto do Prado Coelho em lúcido ensaio sobre o poeta: "Com inquietação me abeiro da poesia de Carlos Nejar. Pressinto que vou trair. Um poeta-pensador convida à glosa, depois à re-produção numa síntese coerente, sem fissuras. Então o crítico /.../ converte à força o poeta num pensador, quando foi dentro da poesia, mediante a palavra poética, em perplexidade e jogo, que ele se empenhou numa aventura espiritual indizível". (in. C. Nejar, **A Árvore do Mundo**. RJ, Nova Fronteira, 77). É esse o risco que corre a crítica diante de um poeta pensador como Nejar. Mas apesar desse risco de "traição", o saudoso mestre português realizou uma das mais penetrantes sínteses que foram feitas da poética nejariana: "Caso singular na atual poesia em língua portuguesa, Carlos Nejar assume, austero, a missão de quem escruta os arcanos para avisar os homens; a sua palavra, cercada de silêncio e enigma, é enxura, densa, dura, revelação em carne viva, advertência, alarme. O âmbito da visão é cósmico, intemporal; a morte está no começo, a eternidade em cada momento; a História reduz-se ao permanente essencial. /.../ partindo do concreto, do quotidiano, da sua experiência existencial, torna-se porta-voz da "alma geral"; o **eu** da sua fala refere-se ao Homem com maiúscula, a sua história é, como declara, "a condição humana". Podemos, perante cada poema, ter a ilusão do definitivo: a firmeza cortante das sentenças, a estrutura interna unitária, a reiteração de palavras e versos inculcam uma certeza sem remédio. /.../ Todavia a arquitetura mental desta poesia, se virmos bem certas seqüências e se considerarmos o conjunto da obra, esbate-se, move-se: oscilam os seus contornos como linhas de catedral refletida na fluidez da água; de livro para livro, regressos e avanços denunciam a busca intérmina, o dinamismo duma luta desigual em diálogo com a esfinge." (idem).

Aos que fizeram uma leitura global dos sucessivos livros de Nejar, reunidos em A GENEALOGIA DA PALAVRA, se tornará claro que esse "diálogo com a esfinge", aparentemente diferente em cada um deles, acaba por compor um universo coeso, onde cada título é mais um círculo que amplia e aprofunda a problemática geratriz: a visceral necessidade do homem contemporâneo em se redescobrir e reordenar suas relações com o Mundo, com a Morte e com Deus, — o enigma supremo.

Surgindo para a poesia no abrir dos anos 60, quando uma peculiar consciência crítica da História e do Homem começava a se impor, entre nós, contra o a-historicismo e o distanciamento do "humano" impostos pela Vanguarda concretista (que eclodira em meados dos anos 50), Carlos Nejar pertence a uma geração que abre caminho para um novo gesto épico: aquele que tenta desvendar em sua possível verdade, o homem-da-queda que a Tradição legou ao nosso século; e nele descobrir a face luminosa até hoje oculta. Daí que em seu livro inaugural (SÉLESIS) o poeta afirme:

"Canto o homem de dúvidas /.../ Canto o homem-gemido / Entre as pedras / E o signo do Rei /.../ Na praia longe / O cão / Sempre o cão"

Aí já está expressa, metaforicamente, a dualidade intrínseca do homem: matéria degradada ("duvidas", "gemidos", "cão") e grandeza essencial ("signo do Rei"), que vai ser uma das forças dinamizadoras da poesia nejariana. Em seus primeiros momentos, identificado com a essência mítico-religiosa de **Mira-Celi** de Jorge de Lima e com o rigor ascético de **Cão sem plumas** de João Cabral, ela acaba por se revelar, na sucessão de seus títulos, como dos exemplos mais vivos em nossa literatura, da fusão essencial, **Tradição + Ruptura.**

O próprio mito criado pelo poeta gaúcho evidencia essa confluência dual: "Sélesis", palavra inventada a partir do vocábulo grego "selene" (lua), segundo afirmação do próprio poeta, simboliza o "mito do homem que quis o céu e teve que contentar-se com a terra". "Sélesis" é, pois, aquele que, como a lua, não tem luz própria; é o pássaro-cão (como aparecia na capa da 1ª edição), símbolo da dualidade essencial (homem/poeta ou matéria/espírito) que atravessa toda a poesia nejariana, no encalço do conhecimento daquela "luz" que o ilumina e o faz ser o que é.

"É preciso decifrar / As coisas que te vivem /.../ E o homem é triste Sélesis / E nós somos gestos / Esquecidos de Deus"

Fluindo inicialmente ao nível da linguagem sagrada (mas sem naufragar no misticismo religioso ou no lirismo de prece de Jorge de Lima), a poesia nejariana surge imersa no Mito, mergulhada no "caos primordial" que antecedeu ao cosmos (SÉLESIS-60 E LIVRO DE SILBION-63). Gradualmente passa para o plano do tempo-construído pelo-homem (O LIVRO DO TEMPO-65); e deste, para o plano do homem-inserido-no-tempo (O CAMPEADOR E O VENTO-66). Em seguida, entra no tempo histórico e, como uma nova Palavra de Ordem, de força jurídica, testemunha o homem que construiu esta nossa civilização em julgamento; revelando, ao mesmo tempo, o **ato de existir** como o verdadeiro fundamento da Lei do homem (DANAÇÕES-69 e ORDENAÇÕES-69/71).

"Deixei de ser eterno / eu -mero subsídio / de forças que não gero; / eu -centro dissolvido / por questões de prestígio. /.../ Deixei de ser eterno / para ser a meada / de um novelo mais belo. / E vou desenrolando / os fios deste universo / sem saber até onde / poderei estendê-lo."

No livro seguinte (CANGA-71), a epopéia humana prossegue sua trajetória, mas já agora em novo curso Abandonando a linguagem de conotação jurídica em que se forja a poesia dos dois livros anteriores, Nejar move-se agora na área semântica da praxis, onde radica o trabalho humano em sua forma rudimentar: o corpo-a-corpo com a terra e com os animais. Trabalho aviltado pela servidão do homem às forças prepotentes da Sociedade. Prossegue, pois, o testemunho do poeta, agora engajado na denúncia da Injustiça Social, que forja a "vida severina", denunciada por João Cabral, e que Nejar simboliza em Jesualdo Monte, a quem interpela com veemência e revolta contra a passividade que o impede de qualquer reação à opressão de que é vítima.

"Jesualdo Monte, não és homem. / És um burro / carregado de ossos; / as palavras, insetos, / volteiam-te a garupa; /.../ O mundo te apertou com sua cincha / e tudo em ti / transpõe o desespero, / despegando patas e raízes. // É esta a condição de não ser homem: / dormir placidamente, sem remorsos, / no curral dos mortos."

Reafirma-se, na poesia de Nejar, a tarefa nietzschiana assumida pelo escritor contemporâneo, engajado na reinvenção do Homem e do Mundo. A tarefa de desnudar ao homem sua própria imperfeição; espicaçar-lhe o orgulho e arrancá-lo da cômoda auto-complacência em que está instalado, após séculos de doutrinação humanista-religiosa-científica que o definiu como um fraco, como um ser predeterminado por forças superiores e incontroláveis. Invectivando Jesualdo, Nejar tenta despertar-lhe a consciência que abrirá caminho para o novo ser que nele estaria adormecido abafado sob os imperativos da necessidade material. Mesmo na morte, algo novo se evola por entre as frinchas do fim.

"Jesualdo morto /.../ Jesualdo galopa galopa / e não se esconde. / Está vivo e morto"

E para além da fraqueza denunciada, surge uma nova imagem do homem-da-queda, idêntica àquela apontada por Rilke: *"Lembra-te: o herói permanece, sua queda / mesma foi um pretexto para ser, -nascimento supremo."* **(Elegias de Duíno)** É desse novo sentido da **queda** bíblica que fala a voz nejariana, quando diz:

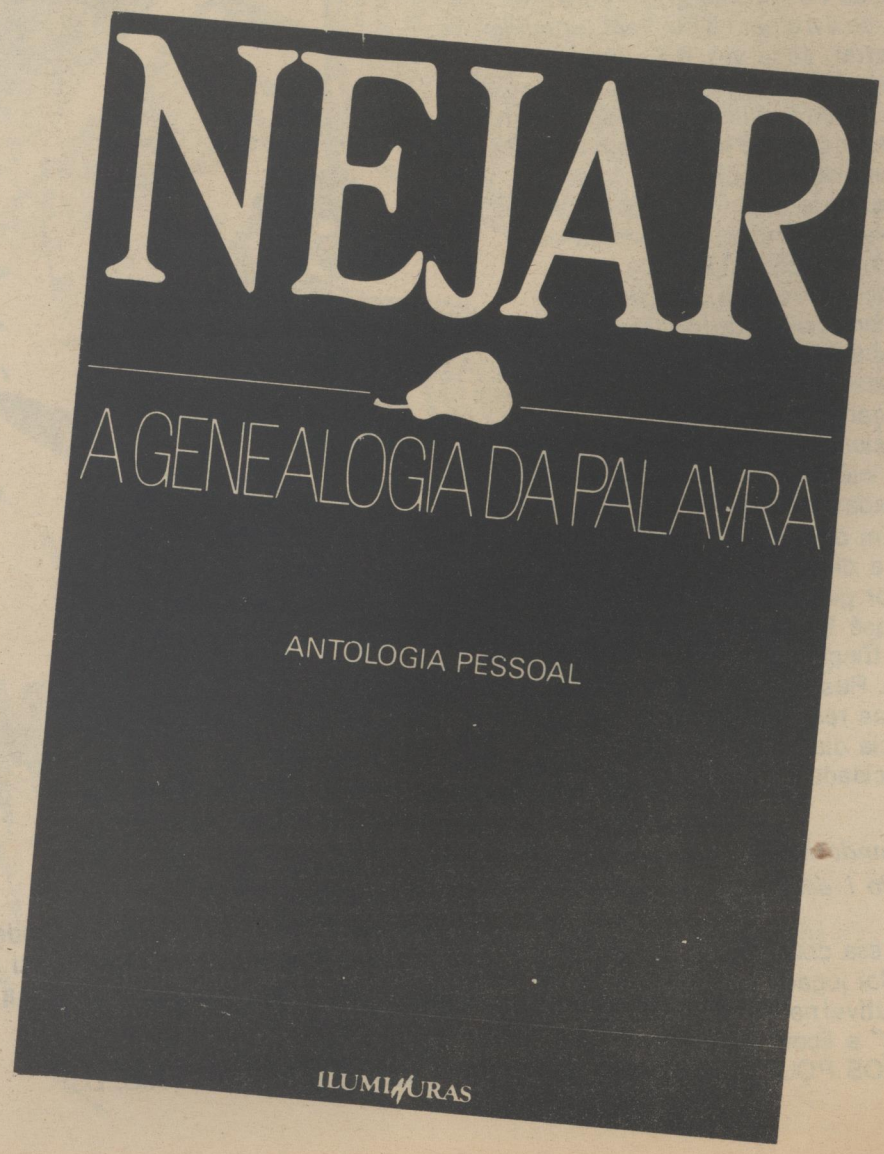
"A morte na pele, / abelhas em chusma. /.../ Sobe a correnteza, / para provar a roldana das águas / e emigra. /
Agora, tua subida é o coração, / mais uma carga de pólvora. / Tua descida, uma carga de pombos. / Emigra."

Com esse "Emigra", CANGA se fecha. E uma nova visão da morte se impõe ao leitor. Jesualdo morto é como se prosseguisse vivo. Sua morte, em nada se assemelha ao estado paralisante e estático que seria natural, mas ao contrário é identificada com o fervilhar da vida ("morte na pele / **abelhas em chusma**"). Uma nova face da vida e da morte precisam ser descobertas, -eis um dos alvos da meditação-procura destes nossos tempos de metamorfose. Em CANGA, desvenda-se, pois, o sentido mais profundo da revalorização da condição humana, buscada por Nejar: a "queda" descoberta como **ponto de partida** para o "nascimento supremo".

No livro seguinte (CASA DOS ARREIOS-73) é suspensa a caminhada épica de afirmação (ou denúncia) do homem no Tempo e na História, e um novo sulco se abre no universo nejariano. Depostos os "arreios" para a "cavalgada", suspenso o gesto épico do "fazer", surge a pausa-para-meditação: a Poesia toma consciência de si mesma. A vocação criadora do homem é evocada como um ultrapassar-se.

Diálogo essencial entre o poeta, a Poesia, o Amor e a Religiosidade, CASA DOS ARREIOS representa uma parada no tempo épico que flui livremente nos livros anteriores. Um "hoje" essencial é vislumbrado pelo homem que é instado a deter o tempo e a imergir no espaço humano privilegiado, criado pela Poesia e pelo Amor.

"Aqui, Amada / diversa é a casa /... O poema e seus sótãos. /.../ A casa do poema /.../ A casa / com a eternidade ao meio / da eternidade."



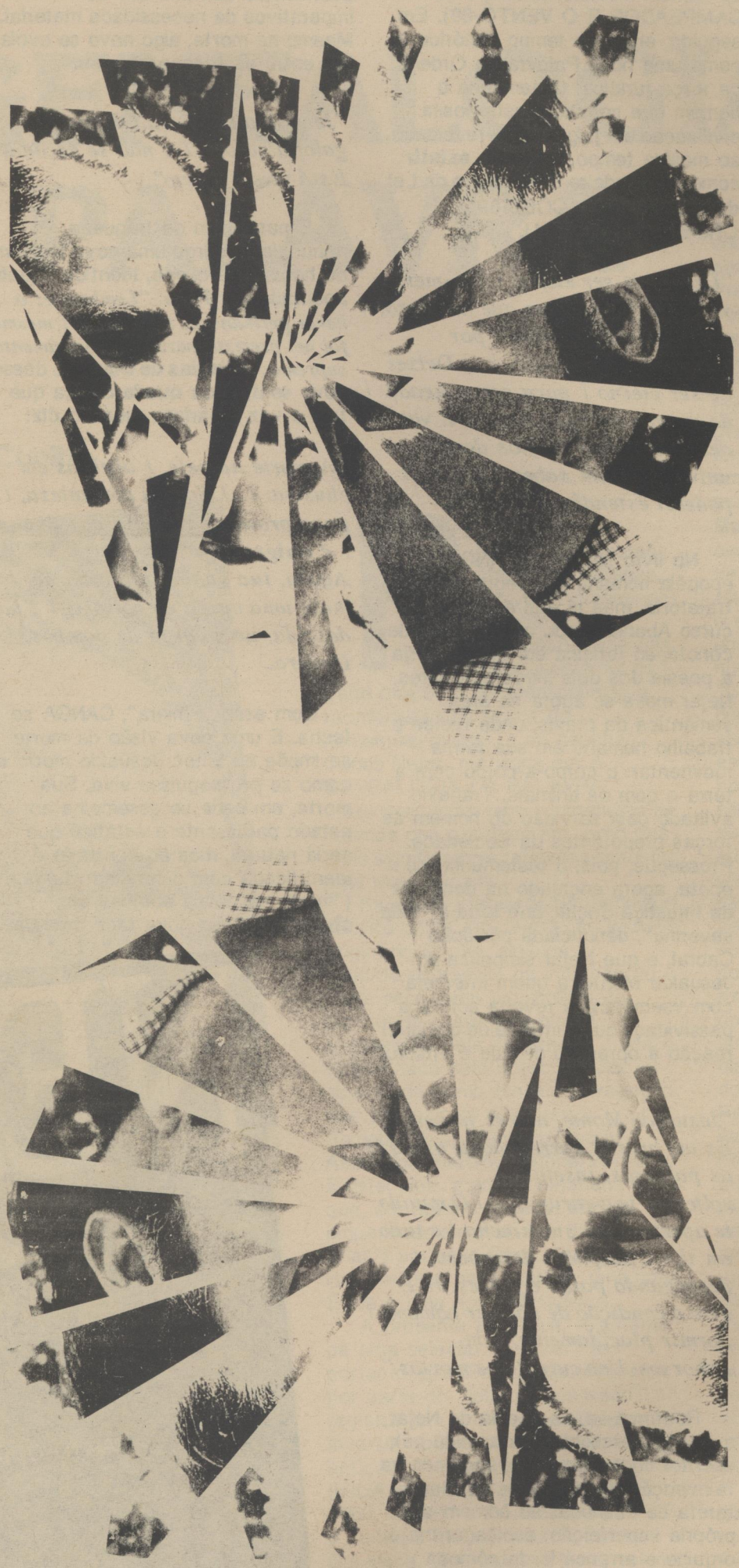
Em A CASA DOS ARREIOS, a poesia nejariana convoca o homem a apoderar-se plenamente de si. Não só pela afirmação de seu ato de existir, em face de um universo a ser dominado, como também imprimindo neste, a marca de seu espírito, revelado essencialmente na poesia. Compreendida nessa perspectiva, a palavra poética inscrita nesse livro assume a função de elemento mediador entre o homem e seu transcender-se. Deixa de ser um elemento estático da arte pura, para tranformar-se em instrumento de uma ação diferente, que não tem explicação no plano conceitual. É esse, um dos vetores que indicam a natureza de sua força: a expressão do **estado de quietude,** como abertura para a experiência de uma vida superior

"Outrora o universo era demanda / nos foros de teu verso; / hoje é reverso / de uma antiga batalha."

Não confundir, contudo, essa **quietude** dinamicamente criativa que mencionamos, com o "quietismo" niilista dos místicos; nem aquele "transcender-se" buscado agora pelo homem nejariano, com aquela Transcendência através do Absoluto, pela qual o humano alcançaria sua perfeição, anulando-se. Definir conceitualmente esse fenômeno é-nos impossível; como o é ao poeta. Daí o recurso à linguagem poético-metafórica que expressa sua intuição do fenômeno em curso; e que, de livro para livro, vem tentando penetrar, cada vez mais fundo, em realidades ainda não apreensíveis pela lógica comum e que permitiriam, talvez, que uma Nova Ordem fundada em um Novo Conhecimento se instaurasse no universo dos homens.

Nesse sentido, os poemas continuam sendo gerados com avanços e recuos em torno da problemática-geratriz e numa expansão formal cada vez mais rigorosa em sua construção, -ora ressoante de ecos bíblicos, ora de emocionada ternura, ora explodindo em violências verbais, que brotam de camadas subterrâneas do ser poético.

Em o POÇO DO CALABOUÇO (74) a dicção altiva do poeta cede à "dor geral" e se torna, no dizer de José Maria Cançado, "um reduto, uma trincheira mínima a que colar o peito. Resistência. /.../ Mas não apenas resistência. Antes de tudo, astúcia diante de um mundo cuja caducidade se tornou quase mítica."



"Quando nasci / fui posto / no fundo / do poço / do calabouço"

Essa consciência da prisão, em que foi jogado o homem, e da irredutível necessidade de "subir para o dia" e libertar-se, exacerba-se em SOMOS POUCOS (76), para ceder novamente ao aguilhão do conhecimento que se adensa em CHAPÉU DAS ESTAÇÕES (78), onde toda a ênfase recai na escolha, ou na opção a ser feita pelo homem: a esperar ou não, "contra toda esperança". Seguem-se OS VIVENTES (79); UM PAÍS, O CORAÇÃO (80) e a FEROCIDADE DAS COISAS (80), abrindo novos círculos na meditação-busca a que se entrega o poeta, como um avatar de Fausto, em nossos dias.

Parece-nos faltar, nesta seleção, uma peça fundamental na obra nejariana: o poema FAUSTO, escrito em 83, em aberto contracanto com o **Fausto** de Goethe e o de Fernando Pessoa. A identificação do poeta gaúcho com a trágica personagem goethiana já se havia mostrado em "Fogo da Consciência" (in A ÁRVORE DO MUNDO), quando pela primeira vez é mencionado o "pacto" a ser selado pelo homem: *"Pacto de amor, / durável mais que o pacto."* Mas um pacto só com o Amor se revela insuficiente, e a busca infatigável prossegue no prosopoema, MEMÓRIAS DO PORÃO (85), onde o poeta se embrenha pelos caminhos de Deus, enquanto procede a um novo itinerário (agora o da infância, bens, famílias, dinastia, caminhos, exorcismos...) e a uma nova ordenação do caos, visando chegar a uma cosmogonia nova. O tom e andamento bíblicos voltam aqui com mais força.

Talvez a lição maior deste último livro publicado por Nejar até o momento, seja a destruição da história tal como a conhecemos e a revelação da verdadeira relação intra-histórica em que o homem se projeta realmente, como um ser que só está na história e por ela é determinado, na medida em que se auto-constitui no presente. Sintonizada com os principais vetores da modernidade, a poesia nejariana sugere que o tempo não existe, -mas **faz-se** através do homem. Sem dúvida, é essa a essência do tempo predominante na poesia nejariana... Nela nada é imutável ou definitivo. É uma poesia em contínuo fazer-se e refazer-se. Como disse o grande poeta português, Antônio Ramos Rosa (apud **Memórias do Porão** p.77), "... o poema nejariano é interminável na sua essência; por isso pode acabar sem fim, digamos, como os romances de Beckt **commencent sansfin,** segundo nos diz Aragon. E são intermináveis porque só a totalidade, se atingida, os poderia concluir e, desse modo, inutilizá-los. As reiterações de seus versos não foram crescendo, não conduzem a um desenlace ou a uma conclusão final. A conclusão, por mais terminante e vigorosa que seja, é sempre inconclusiva; o poema prossegue de poema para poema, como uma roldana que só em conjunto cumpre a sua função com as outras roldanas. Assim responde o poema à própria máquina da vida:

Roldana sobre roldana,
eis a máquina da vida."

Dinamizada pela "máquina da vida", a poesia nejariana prossegue o seu canto-caminho em busca de um novo sentido para o mundo; ou melhor, em busca de um novo "roteiro de ser homem", pois o antigo perdeu-se...

.....

1. NEJAR, Carlos. **A Genealogia da Palavra.** SP, Iluminuras, 89.

Nelly Novaes Coelho (SP) é escritora. Professora de Literatura da Universidade de São Paulo.

"Como se planta uma palmeira no deserto
como meu pai se cobre com sua capa
como a espiga brota da terra
como um sopro que apaga o cansaço do rosto do operário
como o deserto quando chega a chuva
assim bate em meu peito minha condição de árabe".

SAMIH AL QASSIM

A RESISTÊNCIA PALESTINA

As estradas do deserto tecem seda
aos heróis, aos santos e aos profetas.
Aos invasores deixam a areia irônica,
moída pelos séculos, o esterco
estéril do pouso dos camelos.
Depois dos vinhedos decepados,
do trigo queimado, da figueira ferida,
do carvão das oliveiras,
ainda ardem olhares escuros
e sibila a espada da estrela e do crescente.
Depois das casas das janelas cegas,
das abertas gargantas dos carneiros,
dos brancos cabelos arrancados,
restam dedos indicadores nas armas
e jovens lábios abertos na mesquita.
Depois dos joelhos esmagados,
dos adolescentes sem braços,
da carne aleijada com o chumbo do ocidente,
afia-se, com noturna memória,
a lâmina da fé e do furor.
Colhem rosas e laranjas os invasores
cultivando campos de extermínio.
As mães palestinas espremem
leite e azeite doce
nos dentes dos filhos.
Sopram versículos de sangue nos fuzis.

FRANCO MARIA JASIELLO

Franco Maria Jasiello é italiano, poeta, mora há vários anos em Natal, é autor, entre outros, dos livros de poemas "Correspondência Atrasada" "Intinerário do Imprevisto", "Os amigos do Sangue Noturno".

O POETA ERNANI ROSAS, UMA TENTATIVA DE RETRATO

Iaponan Soares
Danila Carneiro da Cunha Luz Varella

Arquivo

Ernani Salomão Rosas Ribeiro d'Almeida nasceu no Desterro, hoje Florianópolis, no bairro do Saco dos Limões, a 31 de março de 1886. Era o mais velho dos filhos do casal Oscar Rosas e Julieta Escobar Rosas.

Com três anos incompletos, transfere-se com a família para o Rio de Janeiro, onde mais tarde estuda as primeiras letras, lá permanecendo quase que a vida inteira. Seu pai, poeta e jornalista profissional, tinha uma vida agitada. Por contingência do ofício, vivia em contínuas viagens entre sua terra natal e o Rio, numa luta constante pela sobrevivência. Talvez por essas circunstâncias, por ter moldado a sua vida dentro do espírito impessoal da causa pública, nunca lhe sobrou tempo para se dedicar ao lar, especialmente à educação dos filhos. Assim, quando Ernani sentiu-se em condições de abandonar os estudos, deixou-os simplesmente sem nenhuma resistência e passou a viver independente, sem preocupar-se com empregos ou meios fixos de sobrevivência, pois os seus haveriam de lhe fornecer os recursos para superar esses senões.

Vivendo num ambiente em que a literatura era bem familiar, cedo Ernani revelou vocação pela poesia e desde então passa a viver exclusivamente para esse propósito.

Sua primeira revelação literária foi Cruz e Sousa, amigo de seu pai desde a província e com quem mais tarde, no Rio, haveria de formar o primeiro grupo de novos poetas a defenderem as idéias simbolistas. Aquele conterrâneo de quem o pai falava com tanto carinho nos serões domésticos, era na verdade um ser superior, inquebrantável e límpido, que lhe despertava profunda simpatia.

O contato aberto com a obra do autor de "Broquéis" marcou-lhe tão profundamente os primeiros passos literários que chega a usar o pseudônimo de Rictos da Cruz, quando da publicação do seu primeiro trabalho, o folheto "Certa Lenda Numa Tarde". Essa presença forte de Cruz e Sousa em sua poesia se transforma quando, posteriormente, conhece, por intermédio de Luís Montalvor, a nova poesia lusitana.

Encontramo-lo no início do século, em pleno fastígio da "Belle-Époque", usando sombreiro de abas largas e vestido dentro do mais perfeito figurino de então. Escreve continuamente. Não tem outra ocupação a não ser a poesia, nem tampouco aceita outra forma de existência. O pai, longe, no Sul, manda periodicamente a mesada da família, que ele, Ernani, usa a seu modo, com aquele mesmo desprendimento que sempre nutriu pelas coisas perecíveis. Colabora e participa de um sem número de pequenos jornais literários, mantidos por grupos que tiveram sua duração também efêmera.

O Rio vivia o momento das grandes transformações urbanas levadas a efeito por Pereira Passos. As gazetas anunciavam diariamente o perfil da nova cidade que surgia, "civilizando-se" no dizer da crônica mundana. Nos principais cafés "literários" via-se, com freqüência, sentados às mesas, em palestras intermináveis, os nomes famosos de então — Coelho Netto, Olavo Bilac, Gulart de Andrade, José do Patrocínio, Arthur de Azevedo, Emílio de Menezes e tantos outros que ficaram perdidos na poeira do tempo...

Desse mundo exterior, de brilho e de aparência, Ernani não participa. Gago e desengonçado, era um marginal da vida por excelência, não herdando do pai aquela doce vaidade do convívio com os "grandes". O seu mundo trazia a chama esotérica dos transcendentalistas e por isso era muito pouco freqüentado. Ali, os que comungavam eram irmãos. Como paladinos da poesia. Embriagados da beleza pura em cujo altar depositava-se incenso a Salomé, símbolo imanente de suas lucubrações.

Texto publicado no livro ERNANI ROSAS, POESIAS (edições FCC). Edição Comemorativa do Centenário de Nascimento do Poeta.

NARCISO

Ernani Rosas

Para Eugênio de Castro

Vislumbro esse jardim, onde a demência erra?
Sonho de infância em cor na cinza d'oiro extinto.
Que tarde essa de anseio a perder-se em meus Olhos,
como por mim se ausenta esse luar, que sinto?...

Vislumbro esse jardim, em que órbita se encerra?
distante a sepultar-se em névoa nos meus olhos...

Tarde de encantamento e transfiguração!
idílica na cor da fonte, que desliza...
silêncio, mansamente à boca do mistério!...
há mãos de musa a urdir a minha inquietação.

Acalenta-me o berço — embalsamada brisa...
onde irá ter o seu suspiro de oiro aéreo?...

Tarde de encantamento e transfiguração!
em que eu cismo Existência — hierático perfume...
que oloriza e adormece a tarde em áureo lume,
no seu vago fulgor e azul palpitação!...

Eu sinto sepultar-me a noite d'além fim!
espelho-me a sonhar à sombra do jardim...
meu cabelo a cair como um clarão velado
ilumina-se à luz como um cristal dolente
em ausência de sol num reflexo alado,
sou a idílica voz da fonte, tristemente!...
Sobre mim desce a noite estática e divina
em hausto de neblina a transcender de Olor!
meu contemplo deliu-se lindo a oiro pálido...
sou todo anel de Lua em linfa cristalina,
onde todo esse amor é um sonho vago e esquálido!...
O outono a fenecer em meus gestos de seda,
esmaiou no dossel dalguma tarde antiga,
por mim passou com o tempo a legenda inimiga
e a alma idílica em oiro de um cisne e de uma leda!...
passaram entre canções do meu idílio em seda!...

Perdi-me. O meu olhar era o mais lindo abismo,
em que eu flor divaguei demência, num aroma...
quebrou-se a gesto d'Alma... à beira dele cismo
e sonho essa ilusão de ser olor, que assoma...
através do meu ser — vago espelho sem fim!
aclaro-me a cismar no meu místico-Fim...

Tarde de encantamento e transfiguração!
tu'alma erra dentro da minha em ecos de outras tardes...
Eu sou — Narciso! — Ó Ninfas, minha meditação
inquieta-se em ser a irmã das vossas tardes!
vós sois o Poente irreal e idílico e est'alma...
Ó Ninfas — a tentar a minha maldição!...

Bernini. Apolo e Dafne (1622-24)

ZANATTA DEPÕE

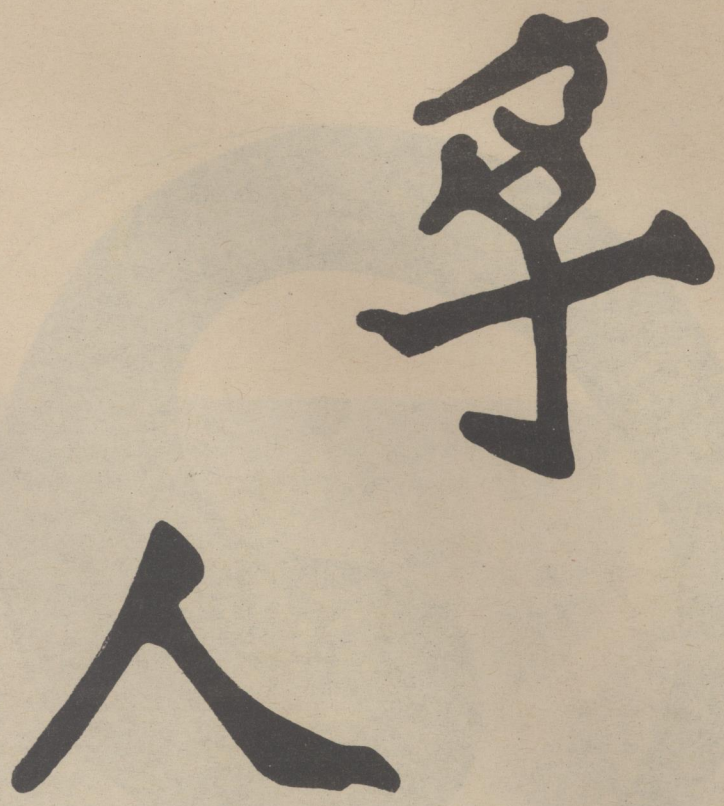
Convidado para ser orientador da VII JORNADA MACROBIÓTICA DE NATAL, a ser realizada de 11 a 15 de dezembro, o Prof. Flávio Santtin Zanatta, o introdutor da macrobiótica no Brasil, falará sobre orientação alimentar, Moxabustão, Shiatsu, Quiroprática, Do-In, e dará aulas de culinária.

O Galo aproveita a oportunidade e publica um extrato de DOCUMENTOS DE MACROBIÓTICA — 1, do depoimento de Zanatta, em Brasília, na Comissão Parlamentar de Inquérito destinada a apurar a contaminação de alimentos por excesso de aditivos e a eficácia dos controles atualmente existentes.

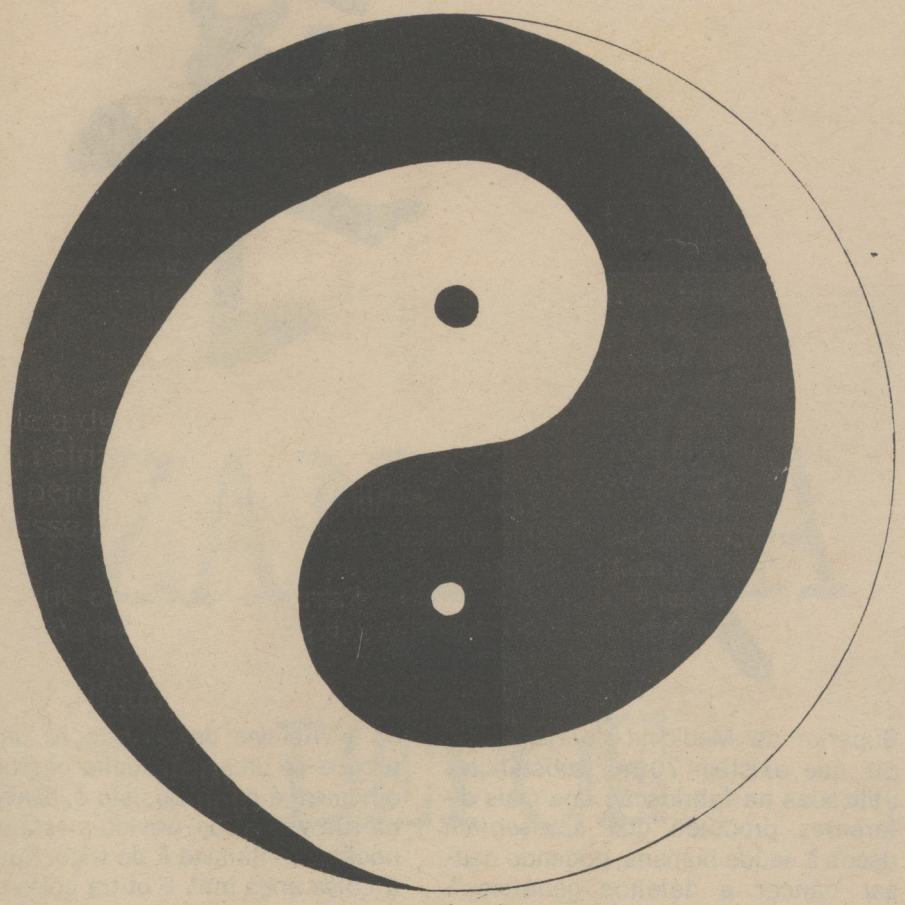
Acreditamos que a arte e a cultura de um povo são conseqüências de sua alimentação e de seu autoconhecimento.

O SR. DEPOENTE (Flávio Santim Zanatta) — Prezado Sr. Presidente da Comissão, prezados Srs. Deputados, Sr. Ministro, prezados amigos, quero agradecer a esta Comissão e, em particular, ao Sr. Deputado José Frejat, por terem me convidado a falar nesta Comissão e depor perante todos. Francamente, para mim é uma grande ocasião. Posso dizer que levei 21 anos me preparando para esta ocasião, porque sofri muito. Sofri as conseqüências de uma intoxicação acelerada, e com risco de morte, tive que sair dela. Se outros levam muito tempo para se intoxicar, eu, devido à minha profissão, acelerei a mesma. Depois, então, apesar de ser químico, apesar de estudar biologia, fisiologia, apesar de ter consultado os mais importantes médios da Europa, o meu problema não estava sendo resolvido, porque a intoxicação era muito profunda. Eu trabalhava com produtos químicos e em atmosfera de metalurgia, atmosfera carregada de tóxicos, de vapores nitrosos, de metais voláteis, devido à alta temperatura das fundições, devido aos trabalhos de pesquisa em laborátorios, com reações químicas, evaporações dos produtos químicos; então eu sofri uma intoxicação tremenda, junto com uma intoxicação proveniente de um dente no qual um dentista, no Sul da França, em Chapion sur Seine, deixou uma fagulha, de 3 centímentros, e esta então, acelerou ainda mais a minha intoxicação. Então, depois de ter experimentado vários médicos na Europa, na Alemanha e na França, tive que sair por mim. E saí, como? Por uma alimentação correta, sem aditivos químicos, ou pelo menos procurando os mais sadios, os menos contaminados. E eis que a minha saúde se refez completamente. Então, abriu-se um campo completamente novo na minha vida. E desde então, há mais de 20 anos, eu luto pela vida das pessoas que querem uma vida sadia, uma vida fora da intoxicação. Por isso que esta conscientização, a respeito da intoxicação, no mundo em que vivemos, é muito grande. Não só porque, na qualidade de químico, compreendi profundamente, como também pela experiência, como também pela vivência, como também pelos conselhos que dou às pessoas, no sentido de recuperarem a sua saúde. Então, com este período longo nesta experiência, nesta vivência, muita coisa pode ser dita, muita coisa pode ser aproveitada. O campo é muito vasto, muito vasto. E denunciar se este ou aquele alimento está contaminado, se este ou aquele aditivo foi adicionado em maior quantidade, se a fiscalização por parte do Governo está sendo bem ou mal feita, isso eu acho que foi bastante feito, foi bastante citado, como existe farto material. Mas, é a solução? Este combate aos aditivos químicos, este combate à poluição, o combate à doença, o combate ao micróbio é a solução? Tudo prova que não. Aqui há pessoas que poderiam dar seus depoimentos. Se houver tempo, gostaria que o fizessem. São pessoas que também estavam em perigo de morte e que não encontraram soluções para seus problemas. Mas uma alimentação correta, uma alimentação sem aditivos químicos, sem produtos químicos, integral, biológica, devolveu-lhes a saúde. Pessoas, como o Ministro Expedito Amorim, aqui presente, que estava com o risco de morte, com 35 batidas por minuto — estava morrendo mesmo, porque nós batemos 76 vezes por minuto, batidas do coração, 35 já estava perigando — e salvou-se, dada a alimentação. Outra pessoa aqui presente, D. Mirtes Rezende, parente dos Rezendes, ela também, com deformações, com problemas de artrite reumatóide deformante e outros tantos mais, recuperou-se completamente. Então, qual é a solução dos problemas? É isso que eu vou dizer — mais tarde. Por enquanto, eu quero botar mais fogo na fogueira, mostrar que o mundo está bastante poluído, que o ar que respiramos está poluído, que a água que bebemos não é biólogica, é uma substância morta, que o alimento que nós ingerimos em cada bocado está com um aditivo químico, posto propositadamente, querendo realçar uma qualidade que não tem — por exemplo, o rodanato de potássio, o célebre amarelinho das massas, é um derivado de petróleo e é um cancerígeno. Entretanto, todo mundo gosta de massas que contêm esse amarelinho, essa cor de gema de ovo, mas que não é ovo. E que dizer do açúcar, então? Pelo amor de Deus, se é para falar a verdade aqui, e só a verdade, eu digo que o inimigo número um da humanidade é o açúcar. É perigoso falar assim, mas é verdade. Quem tem a consciência profunda das coisas e tem amor à humanidade, sabe que o inimigo número um do homem é o açúcar, porque também é um produto químico, também é um contaminante. Tudo aquilo que nos tira a saúde, nos tira a vitalidade é um contaminante. Então, todo alimento de hoje, com essa invasão incrível de açúcares por todos os lados, desde que a pessoa nasce, mesmo antes do nascimento, nos primeiros dias de sua vida, é poluído pelo açúcar, que é um produto químico mesmo, com uma forma definida, porque o alimento que tenha vida é uma mistura de elementos, cuja combinação integrada se chama "vida". O açúcar é uma substância morta. Além de ser a extração de um todo, ele é branqueado com substâncias químicas, com ácido sulfúrico. Eles põem secantes, tudo coisa que não se transforma em sangue. Não precisa ser biólogo nem bioquímico para compreender isso. Tudo aquilo que é do mundo inorgânico não se transforma em sangue. Portanto, é um contaminante, é algo que vai se acumulando nos tecidos e com o tempo vai degenerando as células e, finalmente, transformando em sangue. A petroquímica, também, que nos fornece a maior parte dos remédios, é inorgânica. Então, vemos por aí que se as leis básicas da vida, isto é, se nós aprendemos que o mundo inorgânico se transforma em vegetal, isto é, em clorofila, a clorofila se transforma em vermelho, isto é, em hemoglobina, isto é vida, porque a hemoglobina é o nosso sangue, o sangue se transforma em célula, e só pode se transformar em vida, só pode fazer a transformação o mundo vegetal. Não se pode passar por cima dessa lei biológica, fisiológica; não se pode passar por cima, isto é, o mundo inorgânico não pode transformar-se diretamente em célula animal ou em célula humana, tem de passar pelo mundo vegetal. Então, tudo aquilo que é adicionado, de substâncias inorgânicas, os chamados aditivos, os hemocificantes, os expectadores, os umidificantes, os fungicidas, os bactericidas, os corantes, os aromatizantes, enfim, todos eles são produtos inorgânicos. Então, essa bateria imensa à nossa disposição é que deviam nos dar alimentos sãos, deviam nos dar alimentos para a vida, mas, infelizmente, nos dão alimentos que não são alimentos, são objetos de negócios, são objetos de faturar, de fazer dinheiro. Então, é a luta entre a economia da vida e a economia do dinheiro. Infelizmente, a economia do dinheiro está ganhando, hoje em dia, e a prova está

aí: em menos de vinte anos, o número de cancerosos nos Estados Unidos aumentou muito. Atualmente, uma em cada cinco pessoas é cancerosa. Uma em cada dez pessoas — tenho os dados aqui — sofrem de problemas de cabeça e os problemas cardiovasculares são os que estão ceifando mais vidas. Mais da metade da humanidade sofre e morre de problemas cardiovasculares. E o matadouro número um, de todos esses apontados, é o açúcar. É o açúcar, porque ingerido por todos, desde quando nascem até avançada idade. Então, eu gostaria de fazer uma pequena dissertação sobre aditivos químicos, que me foi informado pelo Dr. Henrique Schmith, de São Paulo. O Dr. Henrique Schmith é um médico do Instituto Médico Legal de São Paulo, um homem que realizou mais de 30 mil operações, isto é, realizava e tinha um problema grave de coração. Ele até tinha assinado seu testamento, por causa do coração. Ele sofreu vários enfartes. Com a macrobiótica ele foi salvo. Ele agora é um defensor acérrimo da macrobiótica, da alimentação natural. Ele, então, faz uma denúncia, porque ele trabalha no Instituto Médico Legal de São Paulo. E ele fala do bromato de potássio, empregado indiscriminadamente nas confeitarias, por padeiros, e que tem causado a morte e intoxicações a muitos padeiros. O Sindicato dos Padeiros proibiu, mas eles continuam usando o bromato de potássio. Outra denúncia é o óleo de colza, que vai ser produzido no Brasil, para o consumo humano: é tóxico, causa lesões sérias e irreversíveis no coração. Eu poderia falar muito mais, muito mesmo, sobre o que causa a poluição alimentar. Eu gostaria de ler aqui, rapidamente, sobre como começou todo esse problema dos aditivos quimicos. Porque o aditivo químico, ou contaminante, no fundo é a mesma coisa, porque tudo vai cair no sangue da pessoa, na célula da pessoa e no fundo vai produzir doenças às vezes irreversíveis, como o câncer. Tudo começou com o químico alemão Liebig, no começo de sua carreira, na época do empirismo da agricultura, no Século XIX. Ele afirmou: "É necessário restituir ao solo o que as colheitas anteriores levam, como o nitrogênio, o potássio e o fósforo". No fim de sua vida, denunciou o que tinha dito, em sua última obra publicada, que se havia enganado, e provou o contrário, que as culturas não tinham necessidades do nitrogênio, do adubo químico para prosperar. Cheirando um bom negócio, a indústria fingiu ignorar esta última obra do grande sábio alemão e despejou toda sorte de adubos químicos. Estimulada, no começo, pelo nitrogênio, nos adubos químicos solúveis, as colheitas apareceram satisfatórias em quantidades, mas a nova qualidade das plantas, com células hipertrofiadas, sua saúde desequilibrada, fazia delas presas fáceis das parasitas. Outra vez cheirando **la bonne affaire,** cheirando bom negócio, a indústria tornou-se fornecedora de profiláticos, inseticidas, fungicidas, herbicidas, bactericidas, todos tóxicos, a fim de combater as doenças. São os traços desse tóxicos que o consumidor fixa aos poucos, mas cada dia, em seu organismo, com toda a sorte de alimentos provinientes dessas culturas. Desde então, o ser humano parece ter-se tornado presa fácil de todas as doenças. Vendo outra vez e cheirando mais uma vez **la bonne affaire,** o bom negócio, a industria tornou-se fornecedora de injeções e drogas de toda a espécie. É interessante falar também, sobre o que aconteceu com Pausteur. Vejam só o que ele produziu na vida, qual o karma dele. Pausteur combateu muito as doenças infecciosas, contra os bacilos. As vacinas em geral. E coisa curiosa: 3 filhas dele morreram de tuberculose. E coisa curiosa: havia uma disputa incrível com um colega dele, La Place, sobre a validez ou não da luta contra o micróbio. E ele, no começo dizia que o micróbio é tudo — diz Pasteur — e que o meio não era nada, isto é, o meio em que se desenvolve o bacilo não era nada e que tudo dependia do micróbio. Então, por isso, precisava-se combater o micróbio, precisava-se matar o micróbio. No fim da vida, ele reconheceu que o colega tinha razão e declarou que o meio era tudo e que o micróbio não era nada. Mas já era tarde, já se tinha espalhado a mentira e a superstição das drogas. Então meus caros ouvintes, eu também gostaria de levar a coisa mais adiante e falar da desgraça desse combate às pragas, da desgraça da poluição proveniente dos contaminantes, a doença de Minamata, no Japão. Todo mundo conhece aquela fábrica de, se não me engano, substâncias nitrogenadas. Doença de Minamata, nome da localidade onde ela apareceu pela primeira vez, em 1953, é causada pela ingestão de peixes das águas costeiras poluídas por detritos de mercúrio, lançados por uma fábrica de nitrogênio. Muitas vítimas morreram; outras ficaram permanentemente paralíticas e muitas crianças nasceram com transtornos motores e cerebrais incuráveis. Todo mundo sabe deste caso. No Brasil, também. No Norte, temos casos de contaminação pelo nitrogênio, sobretudo na Bahia, pela Tibrás. E também essa contaminação pelo mercúrio se faz porque, em geral, produtos do mercúrio servem para conservar o trigo. Pelo menos nas partidas que foram enviadas. Eu não tenho provas daqui do Brasil, mas tenho provas das partidas que saíram dos Estados Unidos para a Índia, onde milhares de pessoas ficaram intoxicadas pela ingestão do trigo conservado com produtos de mercúrio. Outra coisa: vocês viram que há poucos dias foi publicado num jornal, se não me engano o "Jornal do Brasil" o seguinte: "O Câncer está em 70 mil substâncias. O Prof. Hans Richter, do Departamento de Patologia Experimental da Escola



Superior de Medicina de Hannover, diz que existem 70 mil substâncias utilizadas na fabricação dos mais diferentes produtos que apresentam riscos à saúde humana, podendo causar câncer e defeitos genéticos". Acho que a lista é infindável, mas infindável mesmo. Aqui eu tenho uma carta enviada pelo General Paulo Nogueira, de São Paulo, juntamente com o Dr. Henrique Schmidt, ao Deputado Freitas Nobre, de São Paulo; também uma carta enviada ao Presidente da Repúbica, denunciando a tragédia nacional em que fala o seguinte: "... 49,5% das crianças do Vale do Ribeira, no Estado de São Paulo, apresentam-se desnutridas; 97% parasitadas". E assim vai. A lista é imensa. Também o estado de pobreza mental aqui é especificado: "... segundo conclusões do XXI Congresso de Pediatria, encerrado em outubro último, em Brasília, nos últimos 15 anos nasceram, no Brasil, 88 milhões de crianças, das quais 9 milhões sobreviveram, doentes, fracas e desnutridas; 126 mil novos tuberculosos anuais; 7 milhões e 500 mil acidentes de trabalho; 200 mil inválidos, etc; existem 3 milhões e 500 mil asmáticos no Brasil". Acho que não preciso mais falar. Mais provas não são precisas; provas de que qualquer aditivo quimico, qualquer contaminante usado, que vai, necessariamente, parar no sangue do homem. Eu fiz aqui, rapidamente, um relato do que acontece, por exemplo, com o pão, que se come todos os dias. Aquele bonitinho, cheiroso. O pão vem da farinha, a farinha branca, desvitalizada, desmineralizada. Além do mais, botam substâncias alvejantes, para torná-la branquinha, com o peclorato. Quer dizer que o trigo, a farinha, é completamente desvitalizada. Uma coisa é certa: o trigo é — desculpem a expressão — castrado. Então, esse trigo vai ser destituído de sua vitamina, sobretudo a vitamina E, a vitamina da reprodução, isto é, produz-se uma verdadeira castração; o homem é castrado, isto é, diminuído na sua vitalidade, devido a esta eliminação da vitamina E do trigo. Por isso a coisa anda mal. E outra coisa mais: por falar em castração, por falar em diminuição de vitalidade, o sal branco também. — Outra denúncia: o sal refinado, o sal iodatado quimicamente, de que todo mundo gosta, o sal branquinho tipo neve, este também é um desvitalizante, porque foram retirados 85 sais dele, 85 sais diferentes, todos eles absolutamente necessários à economia interna do organismo e, sobretudo, na ação sobre o desenvolvimento ósseo. E a extração de sais importantes dele, deixando, no refino, só NaCL, fica uma substância química, portanto, sem vida. Esse também tem influência sobre o córtex, que, por sua vez, tem influência nas glândulas reprodutoras. Portanto, dizem que o sal natural integral não é para uso humano e que por isso precisa ser refinado, porque senão é contaminante, produz doenças infecciosas. Por isso que se lhes tira tudo, o mata. Então, esse sal branco, é prejudicial, porque desprovido de tudo que tem de vida, necessário ao homem, porque o homem tem dentro dele um mar, um mar interno, e deve ter todos os sais, porque cada célula esta embebida em água salgada, que representa a concentração salina de quando o homem emergiu das águas do mar. E aquela concentração é constante. O sal branco tira essa concentração. Portanto tira-lhe a vida. Esse sal branco, também, deve ser realmente estudado a fundo, porque também contribui para as doenças do homem. O sal integral, por sua vez, — existe até uma terapia chamada taiassoterapia, que é feita através da água do mar, com todos seus sais minerais — o sal integral tem traços que são absolutamente indispensá-



veis, são verdadeiros catalisadores bioquímicos. São indispensáveis à vida normal das células. E dizem que não é possível usar esse sal grosso, por causa da contaminação. Mas é possível, sim, é apenas passá-lo não por um refino, apenas por um aquecimento de 120°, 150° e esse sal grosso natural, pode ser usado perfeitamente. Então, temos o pão, ao qual se adiciona farinha, e esse sal, do qual são tirados 85 sais diferentes. Esse trigo, do qual a farinha é feita, também é estocado e contém inseticidas e traços deles permanecem no trigo. Por sua vez, o trigo vem da planta do trigo, que é tratada com herbicidas, fungicidas e inseticidas. A própria semente é adicionada de conservantes e inseticidas. E depois vem ainda a desgraça dos adubos químicos do solo. Porque os adubos químicos, como foi dito há pouco, eles incham. Há uma hipertrofia da planta e o produto fica cheio de água. Exemplo: um tomate que se compra. O tomate normal geralmente é pequeno. O tomate cultivado com potássio incha, pega mais água. Então se está pagando água. Também nos frangos de granja, além daqueles aditivos todos, além das vacinas contra doenças são aplicados hormônios para se desenvolverem rapidamente, isto é, para captarem mais água e incharem. Aí se está pagando água também. E a carne? A carne, mesmo sem os aditivos químicos, sem os nitritos e os nitratos, cujo objetivo é torná-la vermelhinha, bonitinha com aparência de sã, mesmo sem isso ela desmineraliza o organismo, porque ela produz ácidos aminados que desossificam, que desmineralizam. Voltemos ao pão. O pó adicionado à água, água clorada de potássio, hipoclorito de potássio, claro que essa água, é água de Javel. Todo o mundo a conhece, sobretudo as lavadeiras. Água de Javel. Branqueante. É um hipoclorito. Não tira a sujeira, apenas descolora. Não tira as partículas, apenas as oxida e as descolora. Fica lá dentro tudo, apenas não se vê. Se não se enxerga, está tudo bem. Pois o pão é feito também com óleo de soja, que, por sua vez, é extraído quimicamente, com derivados de petróleo, que, por sua vez, tiram-lhe também todos o sais minerais, vitaminas etc. Então, todo o mundo contribui para a contaminação desse pobre pão que, hoje, não tem mais capacidade — uma vez misturado com água e com esse sal — de crescer naturalmente como antigamente. Por que? Porque tiraram-lhe todas as enzimas, todos os sais minerais. Então, é preciso pôr uma bomba lá dentro para que ele se desenvolva e fique com aquela aparência bonita e gostosa. Aliás, cada vez está mais inchado, e mais leve e mais cheiroso. Ao pão é adicionado o bromato de potássio, que o Dr. Schmidt e eu denunciamos e que é um intoxicante. Naturalmente também o perbonato de potássio, o hipersulfato de amoníaco etc., etc., etc. Os senhores vêem, assim que quando ingerimos um pão bonitinho, cheiroso, estamos ingerindo algo contaminado por todos esses elementos. São traços, é lógico, mas estão presentes. Como são inorgânicos, vão afetar o bioquimismo da célula do corpo. E assim por diante. Acho que o assunto é infindável, mas eu queria apontar uma solução para tudo isso. Considero a solução o ponto mais importante. Por enquanto é só falar, falar, falar, porque todo o mundo fala, mas quero mostrar-lhes a solução, pois acho que alguém encontrou a solução para o problema e eu vou ver se posso transmitir-lhes o modo de resolver não só esse problema mas também o de todas as doenças, e problemas outros como o da fome, o da superpopulação, o das inflações. Como corrigir a situação? Queria reservar 10 minutos, se possível, para falar sobre isso. E gostaria de ler aqui uma mensagem de Roosevelt, que achei muito interessante. Queria falar também sobre o leite, sobre o estrôncio 90 de que está contaminado e sobre o famoso inseticida DDT; falar dos corantes do queijo, da carne, dos nitritos, dos nitratos, dos antibióticos, das salsichas. Imaginem só: a salsicha é gostosa, é bonitinha, é bem vermelha, mas eles põem, por fora, celofane ou plástico, tirando-lhe todo o ar, e a substância interna não pode respirar. Quer dizer, a atividade das diástase, os fermentos diastásicos das salsichas, que são os aeróbios, com a falta de ar desenvolvem gases de origem albuminosa que vão formar a fitomaína, extremamente venenosa. Ora, quantas e quantas pessoas amigas nossas são intoxicadas pela célebre salsicha? Sei de muitas. Enfim, existem tantas coisas sobre as quais falar e, francamente, eu não sabia qual seria a programação. Desculpem-me. Falar sobre aditivos quimicos e sobre contaminantes? Meu Deus do céu, a coisa é bem vasta! Eu precisava saber sobre o que eu ia falar. Pois isso me permito agora falar sobre aquela declaração feita no Congresso por Roosevelt: "A natureza nos dá trágicos avisos, por meio de tempestades de poeira, de inundações, de secas, para que nos agitemos enquanto é tempo, se quisermos conservar, por nós mesmos, nossa posteridade, as fontes naturais de uma vida natural potente. A experiência nos ensinou que as lições sábias e prudentes do nosso bem nacional reclamam medidas de grande porte. Inundações, secas, tempestades de areia manifestam, realmente, que a natureza recusa tolerar por mais tempo esse abuso da sua bondade". Acho que também nós temos problemas. Sabemos que em muitas regiões, não só nos Estados Unidos, as depressões do Mississipe/Missouri, extensões de mil quilômetros, outrora forneceram grandes colheitas e hoje tranformaram-se em deserto. Os furacões de poeira são o resultado da adubagem da terra por produtos químicos, que vão matando a vitalidade do solo. Apesar de essa terra ter dado, em pouco tempo, muitos produtos, esses produtos são fracos e, além do mais, a terra morre. Então, o que vamos fazer depois? Ainda temos minhocas para restituir à terra o seu humos. Mas, por enquanto, estamos exportando minhocas para os países industrializados, que desenvolveram em excesso a sua agricultura, com poluentes, com produtos químicos e que agora, desesperados, estão buscando nos países em que ainda existe vitalidade elementos para revitalizar o seu solo, o que, aliás, às vezes leva muitos e muitos anos. Há outra observação do Professor Sure, da Universidade de Oklahoma: é demais evidente que não existe nenhuma solução curta e simples. Numa certa região que conta com 5 milhões de hectares cultiváveis, somente meia pode ser utilizada. Sobre 1 milhão de hectares semeados, 36% da colheita apenas é utilizada e o resto é perdido pela erosão e pelas tempestades. Queria falar também da seca do Nordeste, que outrora estava cheio de florestas. No Sul, principalmente na região em que estão cultivando soja, quem já esteve lá lembra-se dos furacões de poeira. Onde há cultura química só existe poeira. Nota-se que só existe morte e que aquilo está morrendo. É certo que o Brasil precisa de divisas, mas é certo também que temos que preservar o solo, temos que pensar nos nossos filhos e na nossa saúde. O que estamos fazendo é um crime, de fato, contra a Pátria. Exemplos existem de terras outrora férteis. Mesmo o Saara, mesmo o que está acontecendo por exemplo, na barragem de Assuan, no Egito. Foi uma coisa incrível! Todas as nações participaram da construção daquela barragem. Todo o mundo sabe também que as margens do Nilo são fertilizadas por suas águas no período das enchentes, que depositam seus detritos e depois vem a vegetação. Mas depois de construída a barragem, ela segura o humo e o resto do Nilo não é mais regado pelo humo. Então, agora é preciso adubar aquela terra quimicamente. E o preço da adubagem química daquela zona é exorbitante. Então pensam em fazer explodir a barragem. Estou misturando tudo, porque tudo é vida, tudo é contaminação. O que falta também é uma contaminação. Falta no organismo uma espécie de contaminação, porque ele deteriora. Então, é válido falar-se em tudo isso. Gostaria, agora, de falar sobre a solução. Se eu falar sobre o câncer e a solução para o câncer, que é a pior das doenças, o resto é válido. O princípio é o mesmo. Vou procurar fazer-me entender. Sei que é difícil, porque fomos criados, fomos educados, estamos instruídos, estamos guiados, so-

mos teleguiados pelos interesses de A, de B e de C. Por isso temos uma mentalidade que não expressa a verdade, que não sabe enxergar a verdade. Somos dualistas, de um modo geral, isto é, contrapomos uma coisa a outra. O mal luta contra o bem, isto é, o suposto bem. Luta-se contra a doença, contra o micróbio — mata-se-o — luta-se contra a inflação, luta-se contra a química, luta-se contra o câncer. A Medicina ocidental extirpa o câncer sem saber de onde ele vem, qual a sua composição, qual é realmente a sua função. Então, ele é um inimigo. Mas o câncer é realmente um inimigo? Ou é um amigo? Falo isto porque temos muitos casos de cura de câncer. Tenho aqui depoimentos, provas de cura de câncer pela alimentação natural, isto é, alimentação sem poluentes, sem aditivos químicos. O câncer é uma defesa do organismo. A pessoa se contamina tanto, não só por aditivos químicos; por contaminantes, mas também por uma alimentação desregrada edesvitalizada, só guiada pelo paladar, que contrai essa doença. Quem diz essa doença diz todas as outras, porque o câncer é o produto final, é o ponto de chegada da pior das doenças, hoje em dia, pelo menos do ponto de vista ocidental. Mas o oriental, com sua filosofia de integração, de enxergar a tudo, de estar além do mais e do menos, além do bem e do mal, de enxergar o começo e o fim, a sua origem, o seu mecanismo, a sua composição, o seu valor e a finalidade de cada coisa, enxerga, então, que o organismo, numa tentativa de se defender contra essa invasão de substâncias antifisiológicas, acumula, em determinado ponto, todos os detritos, tudo aquilo que não se transforma em sangue, porque os meios naturais de eliminação já não são suficientes: através da urina, do suor do intestino, da boca, do vômito, da língua, através de erupções. Então ele acumula, no seu interior, as toxinas, substâncias que não são biológicas a fim de permitir que os outros órgãos funcionem. É uma defesa, é uma fortaleza mesmo. Aí vem o bisturi que corta, o raio-X, o cobalto, tudo para combater o tumor. Mas, em se agindo assim, derruba-se a fortaleza. Então o corpo tem que escolher outro lugar para enviar as toxinas e, às vezes, está muito fraco e não consegue reagir. Aí vem a derrocada. Mas se ele apenas considerar o câncer — aliás, é assim, na realidade — um acúmulo de toxinas, se ele apenas faz uma coisa, nem precisa pensar no câncer, deixa o câncer ali. Apenas ele ingere alimentos puros, naturais, biológicos. E o sangue muda em 10 dias. O novo sangue natural vai expelir as células mortas, vai melhorar as que ainda não estão mortas e, com o tempo, o câncer desaparece automaticamente, sem se mexer nele. Ele é apenas um indicativo, desaparece simplesmente com a solução de se enxergar a coisa como um todo. Assim também qualquer outro combate. Combate, por exemplo, à bomba atômica: não botar tal usina, os reatores, como fizeram agora em Rezende. Eu não apareci, peço desculpas. Porque a filosofia é a seguinte: o problema é individual. A revolução que a gente está propondo é uma revolução individual, celular, biológica, fisiológica, lógica. Quer dizer, a transformação do indivíduo. Ele se normaliza, porque o problema é dele, a escolha é dele, a vida é dele. Então, ele tem que escolher o lugar certo, porque se ele fica errado, se ele fica doente, é porque escolheu errado, ele não foi advertido suficientemente, ou ele não prestou atenção e, então, introduziu no seu organismo elementos estranhos e adquiriu a doença. Então o problema é todo individual, o problema todo é a revolução celular, a revolução biológica. A pessoa se põe dentro da natureza e fica una com a natureza, então fica natural, fica normal, e enxerga as coisas, o que é visível e o que é invisível, o que está na frente e o que está atrás. Enxerga as coisas no seu todo, na sua universalidade, não fica mais míope, enxergando as coisas só em parte. Não enxerga apenas, no caso do elefante, só a perna, ou só a tromba, enxerga o elefante todo e, então, pode dizer para que lado vai o elefante. Mas se, como o cego, o analítico, a pessoa enxerga só a parte ínfima do todo, então ela não pode enxergar o todo. Se desenvolvermos, porém, esta capacidade dentro da gente, no sentido de fazer com que o nosso instinto, a intuição volte, isto é, que a nossa cabeça, a nossa consciência, a nossa inteligência tenha a capacidade de captar o todo, começo e fim das coisas, então não é preciso combater nada, porque o problema é pessoal. Pode-se fazer uma coisa, isto sim, avisar: olha, isso não presta, isso não nos serve, por isso e por isso; se você fizer isso, você vai se dar mal. Se fizermos uso de uma coisa que não é biológica, que não é fisiológica, mesmo por ignorância, ou por sabedoria, ou por conhecimento, a culpa é nossa. Se um indivíduo se atira do oitavo andar, sabendo que vai cair, ele é um suicida. Mas se por acaso ele não sabe, escorrega e cai, ele também vai lá para baixo. A ignorância não exclui os efeitos, os danos. E hoje em dia tudo é contra: nação contra nação, catolicismo contra protestantismo, em todos os níveis sociais; um partido político contra outro partido político, uma congregação religiosa contra outra congregação, uma instituição contra outra. Enfim, tudo é contra. Não há solução. Vendo-se os fatos assim, não há solução. Mas vendo-se por esse outro prisma, ou melhor, não é vendo forçadamente, mas chegando-se fisiologicamente, biologicamente, mentalmente, espiritualmente a esse ponto, a gente enxerga as coisas através dessa unidade. Então, todos os conflitos desaparecem; então, verdadeiramente, a saúde perfeita aparece, a harmonia aparece, a paz aparece, porque a paz, numa comissão de paz, não aparece. A paz aparece realmente dentro do indivíduo. Então o caminho é individual, é celular. A revolução realmente é biológica, é fisiológica, através de uma alimentação correta, através de uma plantação biológica, de alimentação integral, que não tenha contaminantes, que não tenha aditivos químicos. Quer dizer, começa-se pela saúde do solo, como Edler há muitos anos vem pedindo que se faça. Dizem também que a plantação não dá resultados econômicos: dá, e eu tenho provas disso. Mas, se eu falar sobre isso, me estenderei demais. Então, a verdadeira revolução é biológica, é fisiológica. Ela começa no solo, pela saúde do solo, pela saúde das plantas, pela saúde dos produtos, pela integridade dos produtos. E aí então, por uma alimentação correta, bem balanceada, o sangue será balanceado, natural. Alimento correto é homem correto; alimento errado, homem errado — biológica, fisiológica, mental e espiritualmente. Então alimento correto, sangue correto, célula correta, sistema nervoso correto, cabeça correta, espiritualidade correta, integração com o todo, unificação.

同

中

Lixo Atômico para o Nordeste?

Marize Mattos – Hamilton Medeiros

O nordeste brasileiro tem sido, desde muito tempo, encarado como uma região problema onde reinam a seca, a fome e a miséria, não faltando adjetivos para a qualificação do povo nordestino, adjetivos estes que variam desde mestiços desequilibrados e bandoleiros, até sub-raça. No entanto, todas estas referências, as quais têm produzido nos últimos tempos um certo grau de discriminação deste povo em outras regiões do Brasil, são rapidamente esquecidas quando trata-se da exploração dos nossos recursos naturais e da força de trabalho do homem nordestino, o qual tem sido usado como peão ou burro de carga para construção dos grandes centros urbanos. Nos exploram de todas as maneiras, deixando-nos ao Deus dará, só lembrando que somos gente quando precisam da força submissa deste homem de aço, humilde e forte, que permanece dentro da sua inocência e ignorância, marionetes, objetos manipulados das classes dominantes.

Desta vez, temos mais uma tentativa de agressão dentro da nossa própria região. Não podemos calar diante dos planos e estudos do governo, planos estes que podem ser classificados como maquiavélicos, contra o sofrido e abandonado povo do sertão nordestino, tendo como objetivo transformar a nossa região em depósito de lixo atômico. Somos pobres diabos e como tal, não temos o mínimo direito a consultas e sim, à condenação dos infernos. Isto não podemos admitir. A quem recorrer, senão àqueles que fazem das idéias, lápis e papel armas contra a iniquidade dos homens do poder, homens que só têm mortificado nossa gente por interesses políticos. Em mesas redondas, os políticos discutem o destino do lixo atômico, e nada melhor, nenhuma solução mais cômoda e agradável do que despejá-lo no nordeste, região de pobreza, infestada de pobres diabos que contentam-se com migalhas, pessoas sem a mínima cultura e consequentemente sem a menor disposição de reivindicar seus direitos. Este tipo de raciocínio, não expressado formalmente, mas presente nas mentes das classes dominantes que decidem os destinos deste país, está claramente exemplificado no resultado final dos estudos realizados pelo CNEN (Conselho nacional de energia nuclear) sobre os possíveis locais para armazenamento do lixo nuclear, os quais resultaram na escolha do nordeste como uma das regiões mais cotadas para o palco de tal tragédia (ver figura 1). Desta vez, o nordeste não foi premiado com escolas ou coisas semelhantes mas sim, como possível acumulador de montanhas de material radioativo, os quais, sem dúvida, contribuem, entre outras catástrofes, para um maior grau de disseminação de doenças cancerígenas, ajudando assim à exterminação deste povo, classificado pelo "ilustre" Euclides da Cunha como sub-raça. Diversos foram os critérios que levaram o CNEN a escolher o nordeste como principal área de concentração dos alvos, entre eles destacando-se o clima, a densidade populacional, o político e o cultural. O clima e a densidade populacional são critérios bastante subjetivos, uma vez que o armazenamento dos rejeitos de baixa e média radioatividade pode ocorrer em profundidades elevadas no subsolo, abaixo da zona de intemperismo, não esquecendo-se, como é de costume em decisões deste tipo, de observar-se a estruturação geológica do local. Conclui-se, portanto, que os dois últimos fatores foram decisivos, estando os mesmos intimamente relacionados e interligados com a falta de esclarecimento do povo sertanejo, o que, ingenuamente, foi possivelmente interpretado pelos membros do referido conselho como uma grande facilidade, contando os mesmos com a incapacidade de remobilização e protesto dos habitantes dos sertões nordestinos. Analisando os resultados dos estudos do CNEN somos também forçados a concluir que os mesmos têm como pano de fundo a ignorância generalizada do sertanejo, fornecendo ao mesmo tempo subsídios para o entendimento da manutenção do estado letárgico das mentes que compõem esta imensa massa humana por tão longo período de tempo, ou seja, a ignorância como ferramenta para a fácil manipulação.

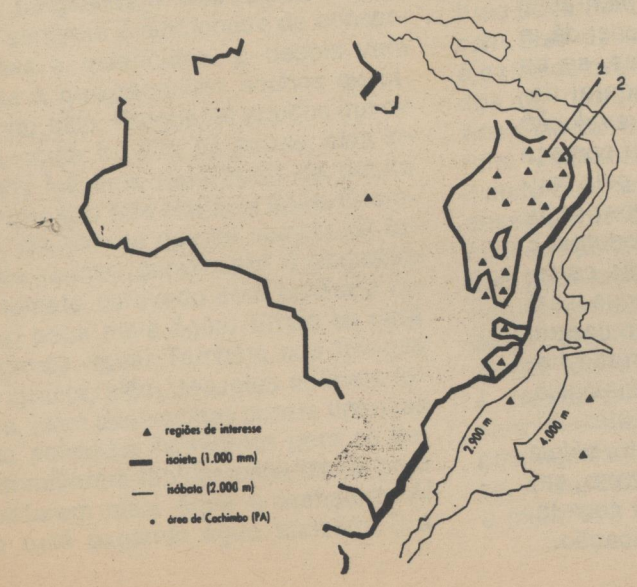


Figura 1 – Mapa publicado na revista Ciência Hoje (vol. 9, Nr. 53, 1989), mostrando o potencial do nordeste como lixeira para rejeitos de baixa e média atividades (lixo atômico) provenientes de usinas nucleares. Especial atenção deve ser dada pelos norteriograndenses aos pontos 1 e 2, por estes situarem-se, respectivamente, nas regiões limítrofes entre os estados RN-CE e RN-PB. Obs: os rejeitos ou lixo atômico de baixa e média atividade contêm concentrações relativamente altas dos elementos urânio e plutônio e por isso, devem ser acondicionados em recipientes isolados por barreiras de concreto, devendo permanecer sob o controle por um período de aproximadamente 200 anos. Este aspecto demonstra o perigo que este material representa para os seres humanos e o meio ambiente no caso de um possível acidente e conseqüente vazamento da radiação, o que foi claramente exemplificado no caso ocorrido em Goiânia.

A concretização deste estudo com a escolha do alvo entre os pré-selecionados para a deposição do lixo atômico tem, no entanto, um ponto crítico que é a aceitação pela comunidade. Nós nordestinos não precisamos de usina atômica e por isso, não devemos arcar com a responsabilidade de guardar o rejeito radioativo proveniente das mesmas. O ponto fundamental dessa discussão é muito simples. O lixo atômico deve ser armazenado junto àqueles que vão ser beneficiados com a energia produzida nas centrais nucleares e não como o governo pretende, a energia para o sudeste e o lixo para o nordeste. Apesar do nordeste ter carência de recursos hídricos, não precisamos absolutamente de centrais nucleares. O que realmente necessitamos, em termos de energia, é o aproveitamento racional e ecológico da nossa natureza, uma vez que dispomos de grande potencial para a produção de energia solar e eólica, tecnologias estas que têm sido desenvolvidas com grande sucesso em outros países, inclusive mostrando-se economicamente competitivas em relação à energia produzida em centrais nucleares.

Deve-se ressaltar que toda essa problemática sobre o local ou locais para deposição do lixo atômico, refere-se apenas aos rejeitos de baixa e média radioatividades. O principal problema que é o rejeito de alta atividade, ficou em aberto pelo CNEN. Este lixo conhecido como de alta radioatividade é também produzido regularmente nas usinas nucleares e possui concentrações tão elevadas de urânio e plutônio que pode, inclusive, ser reprocessado para o reaproveitamento destes elementos, embora este processo seja atualmente economicamente inviável. A radioatividade emitida por este material prolonga-se por milhares de anos, em virtude dele ser composto basicamente por elementos de vida-média longa. É, portanto, perfeitamente previsível que este material, o qual deve ser potencialmente comparado a bombas atômicas sem capacidade de explosão, venha a ser armazenado no mesmo local escolhido para lixo de radiação baixa a média, mesmo porque a população da região escolhida não terá o mínimo acesso para controle, uma vez que os cavalos de Tróia chegarão já lacrados e sob um forte aparato de segurança, conforme é o procedimento normal do governo quando pretende esconder alguma coisa da população.

A Alemanha Ocidental manda seu lixo atômico para a África e o sudeste quer mandar o seu para o nordeste, pensem nesta coincidência. Tudo é apenas uma questão de escala, de referencial. É o imperialismo atuando da mesma forma com duas facetas, uma internacional e a outra nacional. Este é, portanto, um momento para intensas reflexões e mobilizações, antes que seja tarde demais.

Marize Mattos (RN) é escritora. Reside na Alemanha.
Hamilton Medeiros é Geólogo.

GATOS & TELHADOS

Mário Ivo Cavalcanti

Eduardo Nascimento

Eram muitos os gatos, os gatos daquele telhado. Eram muitos os gatos naquele dia, hoje pela manhã, quando lá passei, pela manhã. E era de um excesso, o vermelho colorido do telhado. Tão lindo, o telhado vermelho da manhã, sorrindo pro céu, sendo acariciado pelos gatos, o telhado.

E o sorriso dos gatos!? Um sorriso de defesa, dentes desesperados. Dentes em desespero afiando o vermelho sangue, a garganta um vulcão vivo esculpindo sangue; comunhão e ofertório do marfim desesperado. (Um) excesso de cores angelical e sinfônico e lírico e quente e angelical. Para encher os olhos e ativar a mecânica lacrimal da manha em sorrisos. O gato preto era o rei naquela manhã de sorrisos iluminados, e trazia um telhado vermelho na boca, um telhado vermelho atacado pelo dente em desespero. O outro gato... ... e, também os outros.

Há uma vertigem na minha lembrança quando, passando os acontecimentos do dia — hoje —, me encontro de frente a um prédio e seu telhado vermelho povoado de gatos pretos.

Eles me miram (e) no seu olhar há contato físico, há um dente marfim. Eles sorriem — mas só posso ver seu sorriso excessivamente em cores, um-por-um. E não tenho a certeza se seus sorrisos se desvanecem, se suas caras grotescas (onde já não conseguimos distinguir o vermelho do preto e o branco é uma leve, dois leves pontos brancos fortemente esfregados na mancha excessiva) se decompõem como no parêntese anterior. Mas é um fio contínuo que movimenta meus olhos, de um para o próximo e para aquele que salta em fúria, pára, e volta seu sorriso zombeteiro para o meu rosto, ameaçador. E já o perco de vista, já perco seu movimento seguinte: o fio é uma corda, o enforcado sou eu, e a corda do enforcado se puxa violentamente, em todas as execuções. (A falta de violência resultaria em não-execução). A corda, do enforcado me puxa, altera o passado científico, arrasta conosco o pesado corpo de Newton — suas células bufando equações matemáticas — e cospe por fim restos de uma maçã errada: tanto trabalho meu deus! E volto a me encontrar com o próximo gato; e com o seguinte, e com o seguinte... Até que me deparo com a forma grotesca (um sorriso daninho!) daquele em que reconheço o primeiro.

Mas não consigo eternizar seu movimento em completo: antes que, supostamente, seu sorriso se desvaneça — um borrão excessivo de cores —, a corda do enforcado já me violenta a garganta, até o segundo.

Segundos... (Estranho).

É tudo tão rápido e vejo suas caras tão lentamente...

Danço e encaro os olhos de cada um deles. Puxo comigo a corda até o cadafalso. É uma etapa diferente pois já não sorriem. (Já não exalam seu hálito vermelho).

O tempo se dobrou sobre si mesmo, recolheu para si todos os movimentos, e o dia, naquele dia, se torna um velho vagaroso... ...

Perscruto sua boca, seus movimentos... ... sua boca, seus movimentos, sua boca.

Antes que descubra a vertigem se verticaliza, recupera seu equilíbrio. É o timbre do telefone, que me traz, mais que rapidamente, do prédio e telhado vermelho para o vento frio dançando no meu quarto, rodopiando minhas orelhas. É um telefonema do Rio de Janeiro, de alguém que me pergunta como eu vou.

Eu? Vou bem. Sonho com gatos. Sou feliz.

Às vezes me levo à frente de um prédio e telhado vermelho. Me sinto pequeno, olhando de baixo tantos gatos negros sussurrando e conversando alegremente com a manhã de sol. E (sempre) tudo volta a se repetir: Gatos, corda, e enforcado. A vertigem, no entanto, sempre se torna séria; se levanta, afasta com dedos rápidos e vergonhosos o pó do velho tempo, se verticaliza, esquece que já foi horizonte.

Às vezes me levo à frente do prédio e telhado vermelho.

Ontem foi diferente, no entanto. Os gatos seguiram a rotina: tornaram-se riso, um-a-um. Lenta e rapidamente a corda do enforcado tornou-se tensa e visitou cada um deles. Não tive pressa. Esperei que se fizessem sérios e resisti ao impacto da vertigem também se borrar.

Pelo contrário; me envolvi em vertigem, me tornei patíbulo, corda e enforcado, me fiz cadafalso para meus pés.

— Sou telhado. Vermelho, ardente e forte. Tenho amigos gatos que me acariciam e me contam como eu era estranho naqueles dias. De como não era feliz.

Telhado	Vermelho
Gatos	Negros
Sorriso	Marfim

Mário Ivo Cavalcanti (RN) é escritor, jornalista. Não tem livro publicado.

OSWALD'O LAMARTINE: 70 ANOS DO ENCOURADO SEMIÓTICO...

J. MEDEIROS

para Elsinha Lamartine

Encourado.(Part. de **Encourar**;var. de encourado.) **Adj. e. s. m. Bras.,** NE. Diz-se de, ou aquele que se veste com roupa de couro, conforme o uso dos vaqueiros no sertão. - V. **capas - as.** (ver Aurélio).

Encourado e/ou encouraçado (fortenave de combate): de Ancouradouro. Homens encourados, mesmo in transis (di trânsito), arraigados homens humanos. Luís da Câmara Cascudo se enroscou que nem um cascudo em sua terra Natal. Eu, particularmente não consigo passar mais que oitenta e nove horas fora de, confesso... Jorge Luis Borges ao desencarnar ancourou in Genebra. Oswald'O Lamartine faz point'ransitória Natal/Rio/Natal, Fluvius Grande. Uma traditiON analítico-semiótica-intuitiva e científica (particular), desde "A Caça nos Sertões do Seridó. Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola, 1961" passando pelo "Vocábulário Criatório Norte-riograndense. Rio de Janeiro, Serviço de Informação Agrícola, 1966 (co-autor Guilherme Azevedo)".

"A obra de Oswaldo perpassa pelos caminhos de uma semiótica e/ou semiologia de altíssimo teor informacional a equiparar-se aos grandes pensadores contemporâneos que atuam nesse campo, por sua vez os que tem-se preocupado com a análise dos costumes metropolitanos, os que encontram-se envolvidos nesse complexo que Barthes denominou "Sistema de Moda". Nos voltamos à leitura de um dos seus (simples) e bem realizados livros. A virtuosidade de seu espírito bibliofílico (não-limitado), lhes dar a maestria do pluridomínio que raros intelectuais tiveram e/ou tem, **a sacada gráfico-escritural,** atuando ele próprio como ilustrador. "Encouramento e Arreios do Vaqueiro no Seridó, Natal, Fundação José Augusto, 1969" com capa de Dorian Gray e ilustração do próprio autor. Ou:

> "O arame deu ao vaqueiro, pela primeira vez, a impressão dominadora de posse alheia, a imagem limite."
> L. C. Cascudo

A epígrafe de Cascudinho nos remete a uma leitura polis-política da caça e do caçador de rebanho cercado entre o X do arame farpado e o Y do verbo, o signo **icônico** (aberto as significações) e o simbólico **lingüístico** (imperativo, Oswaldo, o caçador inter-semiótico ou "A caça nos Sertões do Seridó" - Rio de

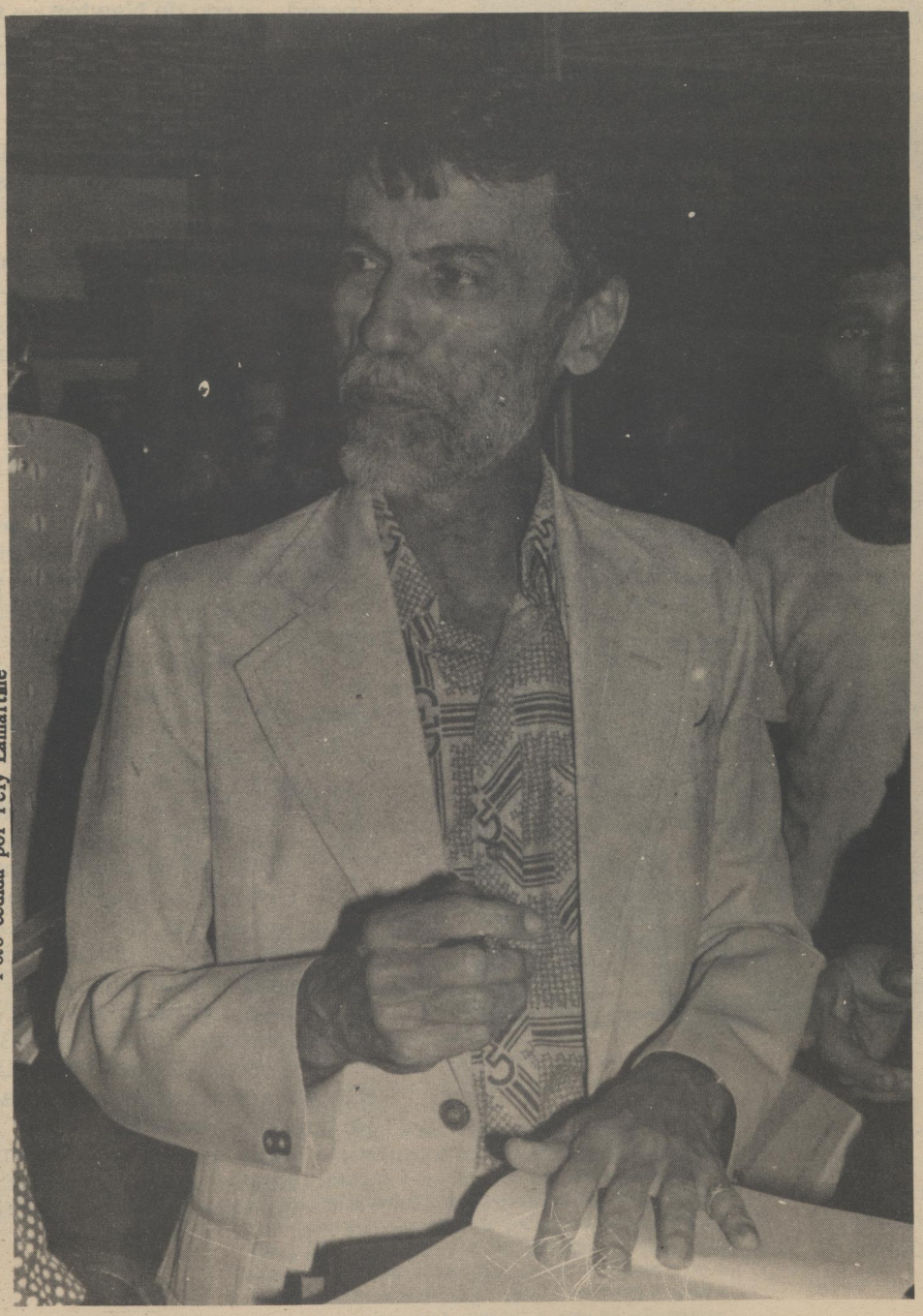
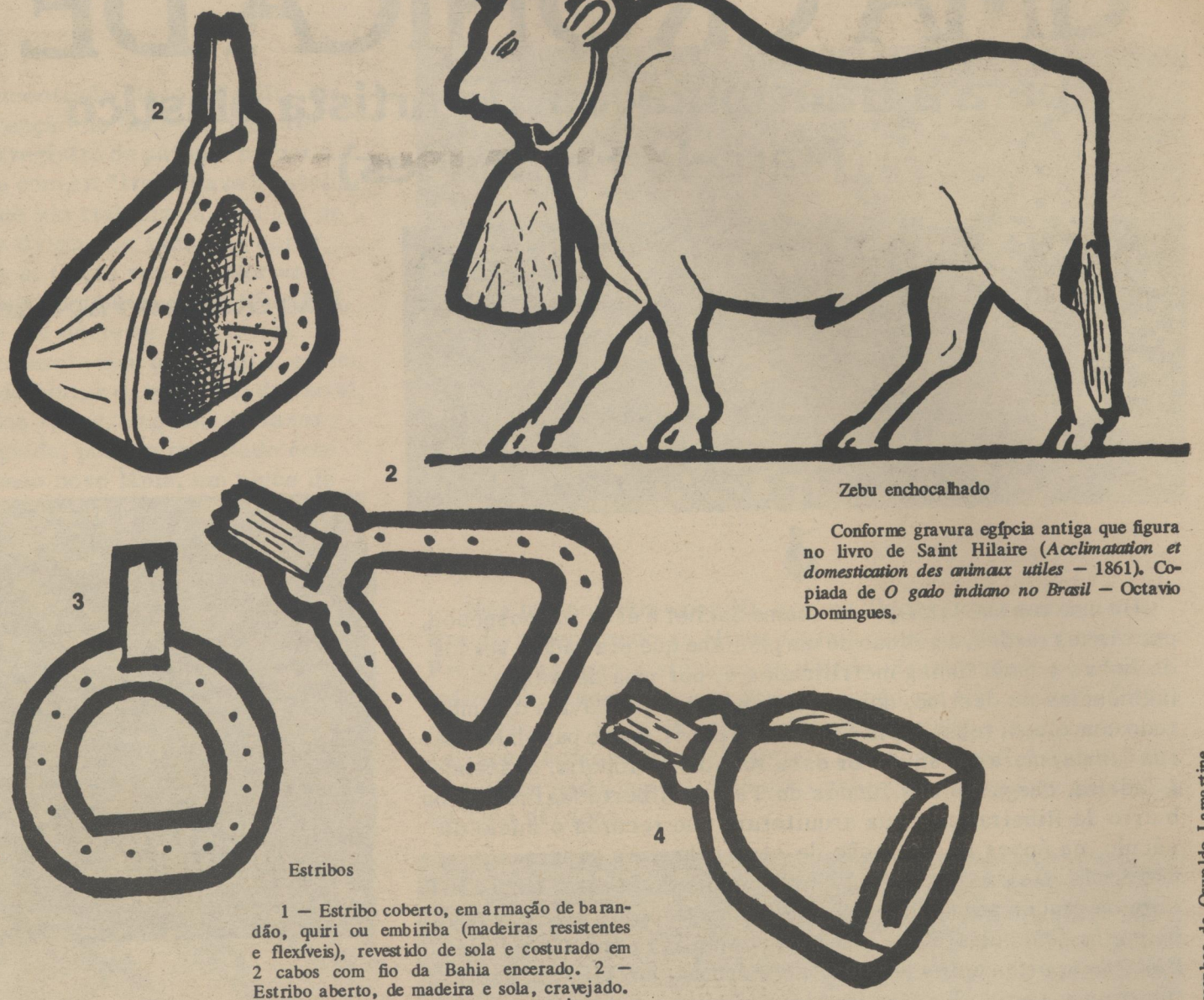


Foto cedida por Pery Lamartine

O encourado semiótico Oswaldo Lamartine

Janeiro, Serviço de Informação Agrícola, 1961. Com a sua,linguagem particular recriativa do coloquial (etno-gráfico). A pesquisa exercício a ser exercitado pelo leitor, como fonte essencial, o intimamente ligado "a raiz das coisas". Em um dos seus livros mais recentes sobre o "Ferro de Boi", um levantamento instigante acerca da visualidade/expressão da marca de ferrar gado no Nordeste. Oswaldo revela toda uma tradição dessa expressão imagética com a variedade de marcas que são analisadas categoricamente, fonte essencial para a pesquisa do manancial, da visualidade popular-erudita (de raíz heráldica). Em mais recente livro editado pela coleção Mossoroense, uma outra pesquisa semiótico-utilitária, acerca da faca, suas funções e derivações culturais. Fundamental seria a elaboração, partindo como premissa básica: as obras já lançadas (referencial) à sistematização em dicionário da VISUALIDADE SERTANEJA (os costumes populares), numa restauração da nossa identidade, nossas raízes (moura, ibérica) e do que dela restou telúricamente, isso faz-se necessário como obra conceitual inédita para o conhecimento público abafado pela ignorância e pelos colonialismos modistas. Sua obra aos 70 anos de idade se revela como a de um dos pesquisadores mais profícuos nessa área de investigação científica. Ao lado de Luís da Câmara Cascudo e Olavo Medeiros Filho, compõe uma tríade emergente; que não se folclorize o folclore, que se dissemine a informação acerca das nossas raízes coloquiais , visuais, comportamentais sem os preconceitos de uma ignorantzia neutralista que se recalca em torno de SE, envolta no seu EGO projetado como dimensão narcísica. A pesquisa está aí, cabe ser revelada aos olhos humanos, pois como falou OSWALD DE ANDRADE no Manifesto da Poesia Pau Brasil "o momento é de reação à aparência".

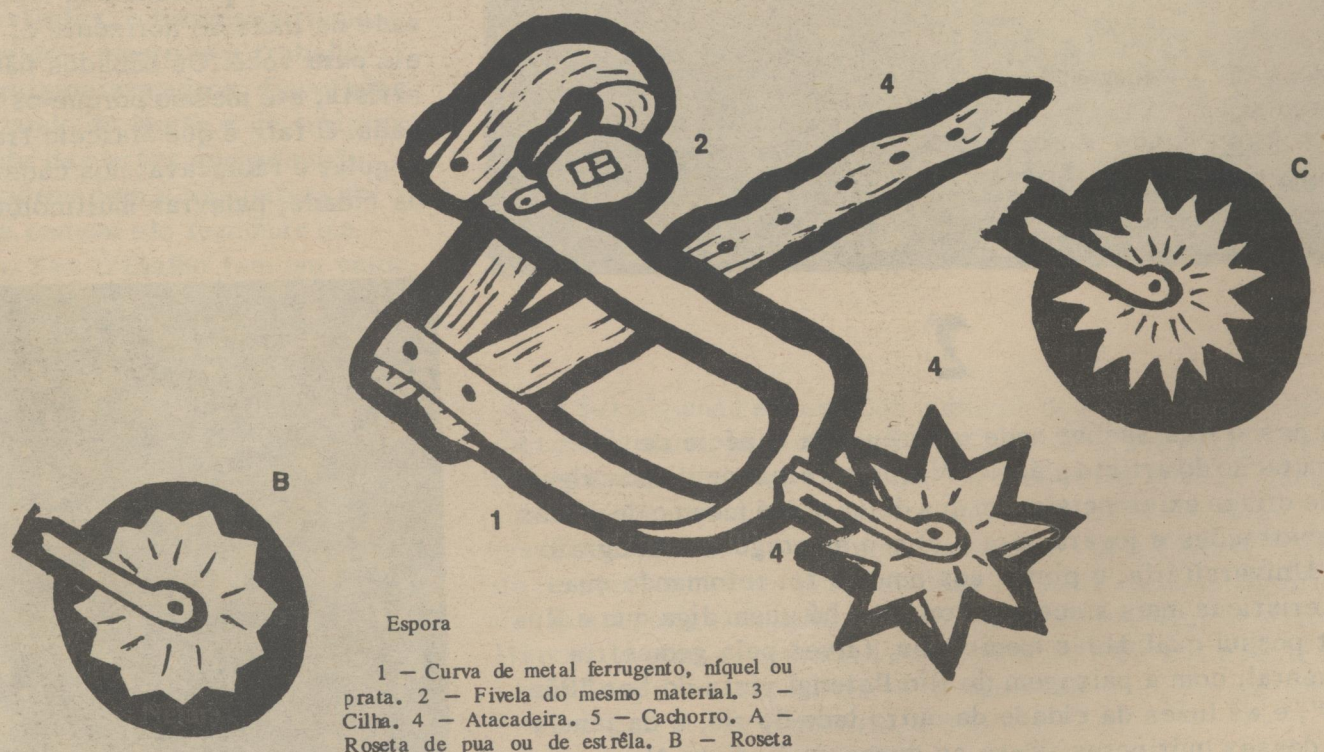


Zebu enchocalhado

Conforme gravura egípcia antiga que figura no livro de Saint Hilaire (*Acclimatation et domestication des animaux utiles* — 1861). Copiada de *O gado indiano no Brasil* — Octavio Domingues.

Estribos

1 — Estribo coberto, em armação de barandão, quiri ou embiriba (madeiras resistentes e flexíveis), revestido de sola e costurado em 2 cabos com fio da Bahia encerado. 2 — Estribo aberto, de madeira e sola, cravejado. 3 — Estribo aberto, de madeira e sola, cravejado, modelo redondo. 4 — Estribo de metal ferrugento, níquel ou prata.



Espora

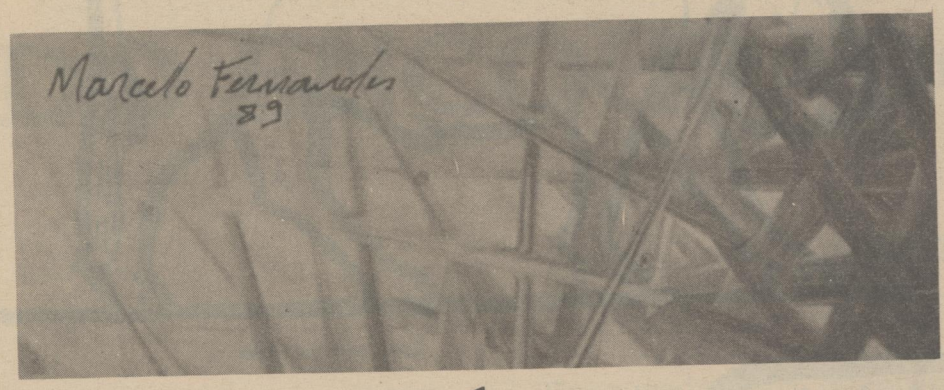
1 — Curva de metal ferrugento, níquel ou prata. 2 — Fivela do mesmo material. 3 — Cilha. 4 — Atacadeira. 5 — Cachorro. A — Roseta de pua ou de estrêla. B — Roseta de Serra. C — Roseta dente-de-piranha.

Desenhos de Oswaldo Lamartine

J. Medeiros (RN) é escritor, poeta, artista plástico. Chefe do Núcleo de Multimeios da UFRN.

UMA CRÔNICA DE 7 FACES

(para a transmutação do artista plástico Marcelo Fernandes)



João Gualberto Aguiar

1

Há uma rua em Natal que se chama Sachet e essa rua hospedou, por breves tardes, a solidão de um pisciano que era dado a versos de linhas e mais linhas metrificadas e, por uma dessas incidências do destino, dois aquarianos que passavam o tempo todo com óleos, telas, lápis coloridos e papel, muito papel. Nessa rua (ainda) mora um anjo. Por essa rua, de Petrópolis, descendo a ladeira, chega-se aos fundos do Teatro Alberto Maranhão, no bairro da Ribeira, com sua arquitetura que recorda o início do século, na época da fundação de seus primeiros progressos materiais. De população flutuante, depois do horário comercial abre os braços para receber boêmios desgarrados e vagabundos sem eira nem beira. Essa rua hospeda antigas mansões e um bloco de apartamentos onde moram músicos, jornalístas, poetas, pintores e atores. É considerada, por alguns habitantes, uma espécie de "quartier latin". Um pequeno pedaço de Paris em Natal.

2

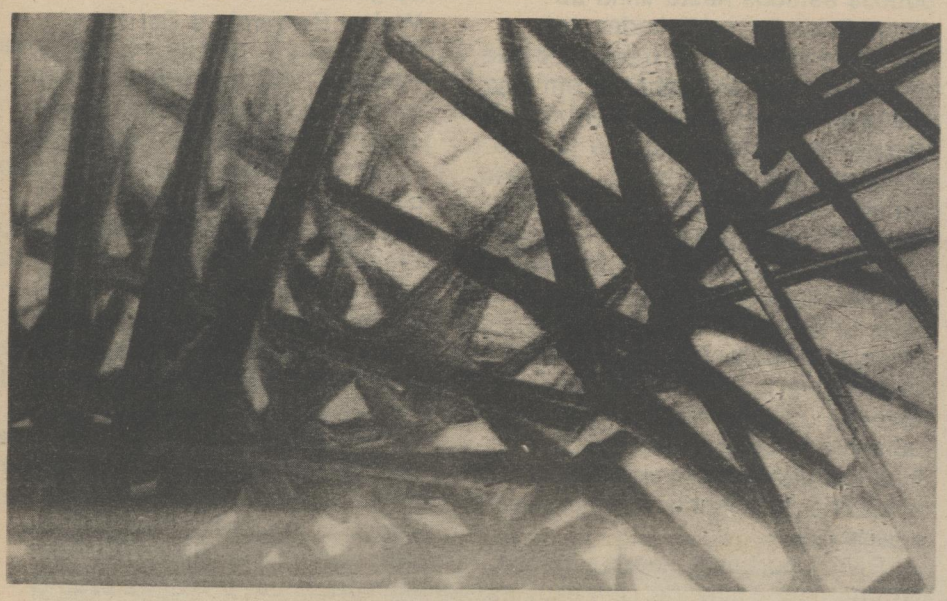
Foi nessa Rua Sachet onde ocorreu uma espécie de transmutação do artista plástico Marcelo Fernandes. Após alguns anos de crises existenciais, em que deixara até mesmo de pintar suas abstrações e jogara para o alto o emprego de cenógrafo da TV Universitária, o pintor aos poucos foi retomando suas características mais sinceras. Por isso, há quem diga que a Rua Sachet possui qualidades medicinais, talvez pela geometria sentimental, com a paisagem do Rio Potengi vista do bar "Pôr do Sol", e as luzes da cidade do outro lado do rio, e da janela de um desses quitinetes vê-se as dunas da Redinha Nova e as duas torres da Igreja de Nosso Senhor Bom Jesus das Dores, sem falar na lua natalense com a inseparável estrela vespertina. Uma paisagem, digamos assim, de cartão postal.

3

Em tempos de exotismo e também de erotismo, o artista plástico Marcelo Fernandes pousava nos bares que circundam aquela rua e pronunciava frases imaginárias: "vou armar uma rede na linha do horizonte e, quando a Lua Cheia nascer, colho ela para você. Os bêbados não acreditavam na conversa do artista, até mesmo porque os bêbados não acreditavam mais em nada. O fato é que Marcelo trazia consigo uma espécie ~~de~~ pedra angular e rabiscava, nos cadernos das colegiais ou nas paredes da cidade, palavras multicoloridas.

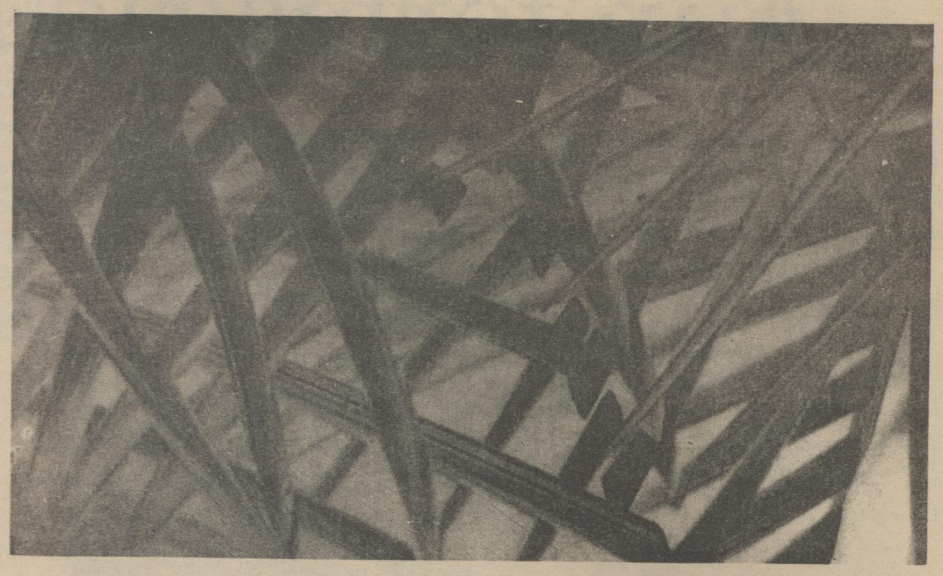
4

Essa pedra, na verdade um concentrado bloco de múltiplas cores, é invenção do Marcelo. Invenção no bom sentido, até porque é invenção patenteada, com registro de patente industrial. A história da invenção ele começa a contar: "trabalhava no atelier de Assis Marinho, no tempo em que ele trabalhava com giz de cera. Então, apanhava os pedaços de giz, de todas as cores, e fazia os meus primeiros trabalhos. Certa vez, o calor era imenso. Levei mesa, papel e giz para um pátio ao ar livre e depois de algum tempo observei o sol derreter o material. O azul misturava-se com o verde, o amarelo com o vermelho, enfim, o sol formava novas cores. Parei de pintar e, sob o sol de Natal, coloquei todas as cores numa única fôrma, daquela de fazer bolinhos. Deixava secar e, em seguida, polia o resultado com o meu canivete. Estava criado o meu novo lápis, um bloco de cores".



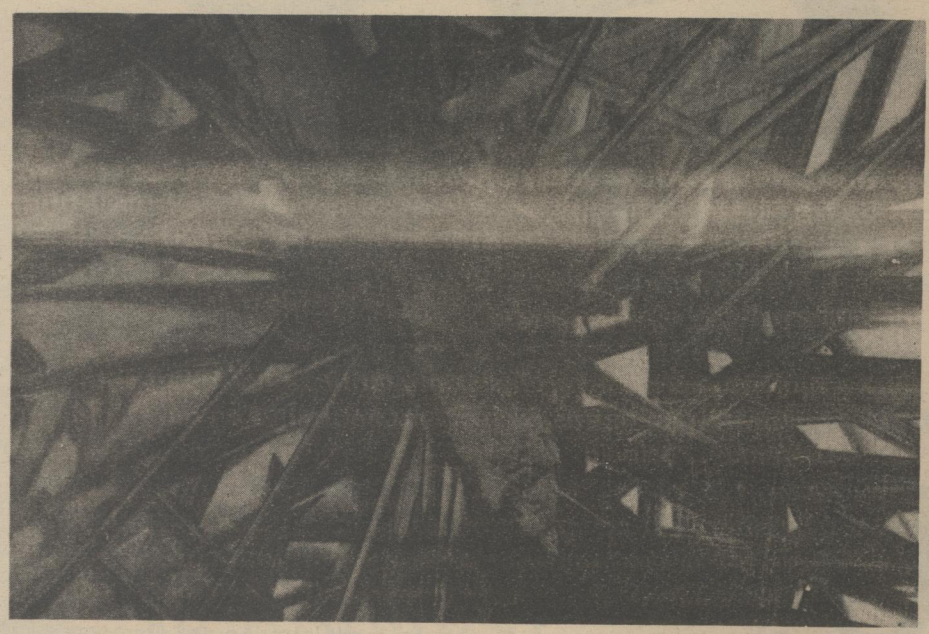
5

Foi ele, sim, quem inventou as estrelas, e também pirâmides, e corações, e bolas e bastões coloridos, mas o seu trabalho principal está nas telas, em belos e originais quadros, disputados por colecionadores daqui do Rio Grande do Norte e de turistas do Além-Mar, até do italiano amante das artes que adquiriu, de uma só vez, um lote de sete quadros com a assinatura do Marcelo. Ou sem assinatura, pois é comum ele terminar um trabalho e deixá-lo sem assinatura. Seu trabalho tem um valor, antes de mercadológico, artístico - e quem disse isso foi um grande conhecedor, o professor da Universidade Antonio Marques: "Marcelo, dedicando-se à Arte, pode ser considerado o melhor abstracionista do Nordeste". Um prognóstico cada vez mais profético.



6

Nos meados dos anos 70, era um "hippie" nas estradas do Brasil, percorrendo as Minas Gerais (com lembranças de Ouro Preto) e as ruas históricas de Olinda. Entrevistado pela televisão, quando fez uma demonstração, ao vivo, de sua célebre invenção dos lápis coloridos, foi apresentado aos telespectadores como "um artista pernambucano". Ficou calado, não disse nada, mas o Atlântico sabe que ele nasceu em Natal, há três décadas.



7

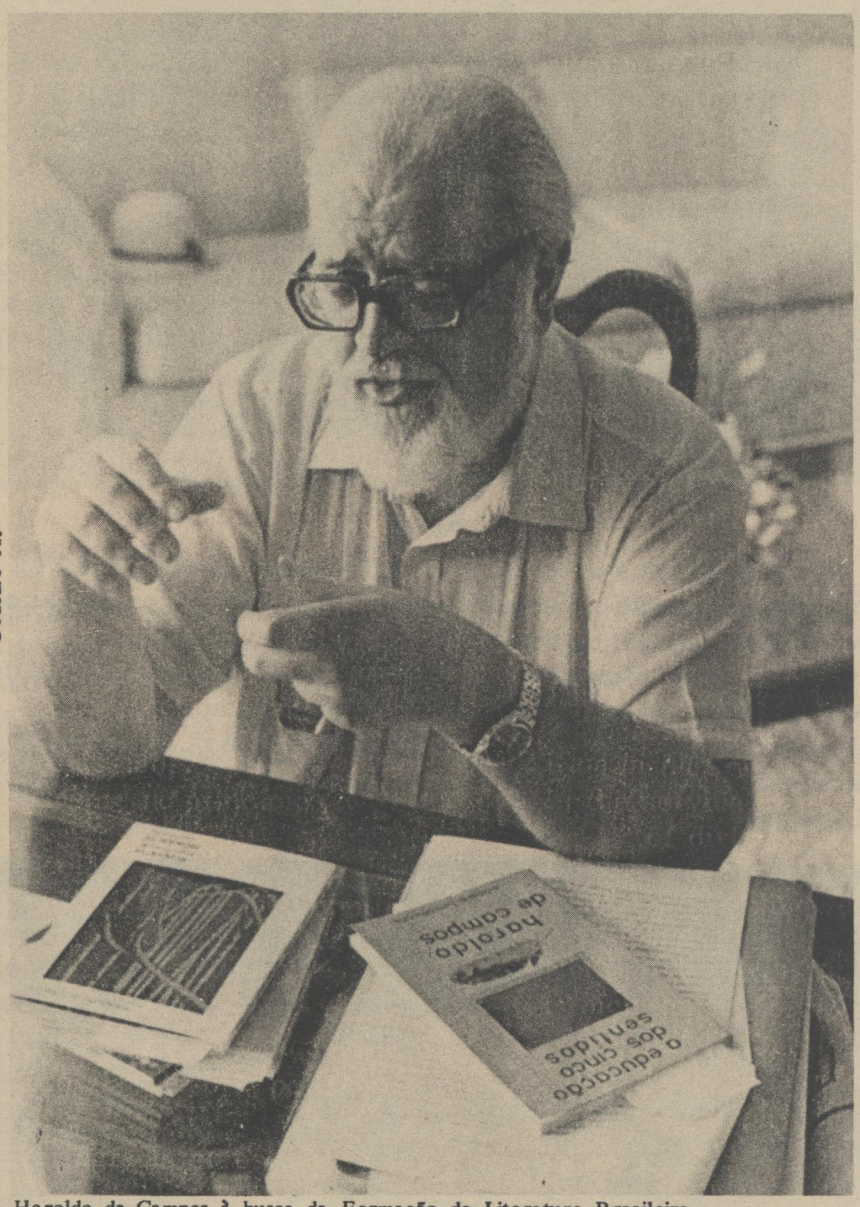
Já fez algumas exposições públicas de sua arte com alto teor de criatividade, mas a nota biográfica deve ser detalhada no próximo catálogo, na exposição da Biblioteca Pública Câmara Cascudo, no próximo dezembro, com direito às melhores madrinhas que um artista poderia almejar. Apresentará "Cristais de Rochas" e o título dos trabalhos diz muito bem do significado dessa arte original, solar e enraízada em nossa riqueza pictórica, Marcelo é solo e, com essa novíssima fase de sua arte e do seu ofício, descobre-se que é também sub-solo. Porque Marcelo é sol e mar, é céu e minério, é sonho e chão.

João Gualberto (RN) é poeta e jornalista.

Marcelo Fernandes Pinheiro expôs "Cristais de Rocha" de 15 a 25 de dezembro, na galeria da Biblioteca Pública Câmara Cascudo. Promoção da Fundação José Augusto, com o apoio cultural do Natal Mar Hotel.

A in-formação na formação da literatura brasileira

Francisco Ivan



Godeiro Jr.

Haroldo de Campos à busca da Formação da Literatura Brasileira.

"O espírito sopra aonde quer".

O poeta Haroldo de Campos acabou de lançar pela Fundação Casa de Jorge Amado, em São Salvador da Bahia, um livro crítico/historiográfico que (ex)põe em revista uma das questões mais radicais da literatura, e, especificamente, da Literatura Brasileira: **a questão da origem,** isto é, a pesquisa profunda de nossa **identidade literária.** Haroldo, nesta obra crítica, **O Sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira: O caso Gregório de Mattos,** critica radicalmente o modelo historiográfico da literatura brasileira fundado em base logocêntrica, monológica e linear. Este ensaio, como é possível ler, procura fazer uma leitura ao revés do modelo preferencial de engendramento da história literária brasileira, marcado, mesmo contemporaneamente, pelo paradigma oitocentista da representação da "essência de uma entidade nacional à busca de si mesma" (literatura vista como "encarnação do espírito nacional").

Bem me lembra participei dos cursos ministrados por Campos na PUC/SP, onde o o Sequestro do Barroco já era observado e narrado. Dai vem a razão que me leva a escrever esta nota sobre este **O Sequestro,** pois, como aluno anotamos aquelas essências primeiras das notas do mestre: "O presente estudo foi elaborado a partir das notas de preleção do curso "Semiologia da evolução literária: o modelo barroco e sua produtividade na poesia brasileira", que ministrei no Semestre de Primavera de 1978 na Universidade de Yale, como Fulbright-Hays Visiting Professor. Voltei a oferecer o mesmo curso em outras oportunidades, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP e, no Semestre de Primavera de 1981, na Universidade do Texas em Austin, como Tinker Visiting Professor."...

Dentro de um imenso painel de citações, notas e fragmentos, o poeta das **Galáxias** põe em questão a **Formação da Literatura Brasileira** do Mestre Antonio Cândido encarando-a por um enfoque não-linear de evolução. Parece haver poucos estudos nesta linha de sincronicidades sublinhadas por Haroldo de Campos. E o princípio que parece nortear esta abordagem visa a uma revisão da história literária pelo paradigma poético. É o que já está postulado com base em R. Jakobson em seu livro, **A Operação do Texto,** publicado pela editora Perspectiva, em 1976: "A escolha de clássicos e sua reinterpretação à luz de uma nova tendência é um dos problemas essenciais dos estudos literários sincrônicos. (...) Uma poética histórica ou história da linguagem cabalmente compreensiva é uma superestrutura a ser construída sobre uma série de descrições sincrônicas sucessivas."

Eis aí, portanto, neste pequeno livro de pouco mais de cem páginas, eis aí, alguns ensaios de complexidade teórica profunda, que poderão aclarar o horizonte provável do universo da literatura e de sua compreensão. Eles representam grande parte do prazer do poeta pesquisador das sendas históricas de sua própria poesia. Este prazer é a paixão da busca esclarecida do fato poético sincronizante de todas as coisas ditas nas relações sincrônicas de um poema. Assim a procura e descoberta das **di-ferências** na história literária aponta a complexidade das obras poéticas para a realização pessoal do ensaísta/pesquisador diante do escritor/poeta. Mas isto só ocorre quando se corrompe a lei, quando se ultrapassa a norma, quando há a "vertigem", o "salto", a "transformação". Campos vai à busca da **Formação da Literatura Brasileira** não para re-afirmá-la, mas para desviar-se dela. Campos, que havia perscrutado o texto barroco fragmentando-o em galáxias e xadrez de estrelas abre neste sequestro um paradigma "aberto" para repensar-se a literatura brasileira. Esse paradigma é Gregório de Mattos, "o primeiro antropófago experimental de nossa poesia". Repensar a literatura brasileira é refletir sua origem e originalidade.

Esta especialidade, isto é, este "dialogismo" de Campos com a história literária brasileira pode-se comparar com o jogar lúdico aparentemente distinto que o Barroco do seiscentos levou a cabo com o pensamento "iluminista" firmado, de resto, em base logocêntrica. Epigrafando Nietzsche, recitando Walter Benjamin e Derrida e escavando a história do logos, num percurso crítico-poético-filosofal, sabe-se suficientemente como o autor de O Sequestro do Barroco realizou a pesquisa de um modelo privilegiador da função poética/metalinguística da linguagem literária. Penso isto, não como crítico, mas, como leitor... Também em Nietzsche a "leitura" permanece inacabada... O paradigma permanece aberto. No caso Gregório de Mattos, vemos como se descobre que a leitura deve sincronizar-se pelo fato de não ser possível chegar ao fim ou ao seu fechamento: "Ainda que Gregório d Mattos tenha ficado provisoriar nte confinado na memória l cal e na "tradição manuscrita" (que, todavia, teve forças para prolongar-se através dos séculos XVII e XVIII); ainda que só tenha sido resgatado em letra impressa cerca de 150 anos depois de sua morte; ainda que tenha pesado renitentemente sobre sua reputação a "morte civil" da acusação de "plágio", a ausência do poeta, num sentido mais fundamental, foi meramente virtual ou larvada (mascarada). Presente, como inscrição em linha d'água, Gregório sempre esteve, no miolo do próprio código barroquista de que ele foi operador excepcional entre nós. Um "estilo coletivo" ou "arquitetônico" (Gerardo Diego), que persistiu em traços óbvios mesmo na obra dos opositores nominais desse código (os árcades mineiros da tardo-barroca Villa Rica)."

Francisco Ivan (RN) é poeta. Professor do Departamento de Educação da UFRN.

CADERNO DO VENTO

CARLOS NEJAR

Jorge Mário

O CÉU DAS PALAVRAS

Para Manuel Bandeira, há um céu dos passarinhos. Para Ramón Jiménez, há um céu dos burricos. Francis Jammes queria subir ao paraíso com os animais.

Imaginando, pode haver um céu a estes seres controversos e estranhos, as palavras.

E como não conduzir também ao paraíso as que foram salvas pelo sortilégio da poesia, ou que foram levadas no carro de fogo de Elias, ou foram arrebatadas em corpo e alma, ou viram a Deus na claridade da sua face ou foram por Ele sopradas diante do mundo criado e aguardam o halo beatífico, o sagrado silêncio das esferas?

2.

Sim, tenho ternura pelas palavras, um velho amor sem esperança ou a esperança de encontrá-las — as perdidas, as órfãs, as infantas ou donzelas, as rés da memória ou da morte — como anjos aos pés do Senhor dos Exércitos.

E mais do que ternura, quando vivas, nos ajudaram a sobreviver, a acreditar que o mundo podia ser mudado e que não havia dor suficiente para amordaçar a graça da criação.

Quantas palavras restaram desvalidas num poema e quantas o avarento prosador lacrou no cofre do injusto silêncio?

Que palavras os amantes sussurraram aos ouvidos e se extraviaram — pobres! — em servir as potências do universo?

Ou que palavras, leitor, como pombos voam neste instante para os telhados das casas e não acham os presumíveis ninhos?

Ou que palavras, feridas de morte, sangram e se exaurem no amor eterno?

Voltam para algum lugar, aquelas que suprimimos no poema?

Tenho também ternura pelas palavras que não foram ditas. Nem nasceram, nem morreram — aguardam a esperança da misericórdia.

HERDEIROS

Minha ternura pelas palavras, leitor, não exime algum remorso ou retardada culpa pelo que fiz com alguns poemas atirados no estaleiro, expostos à ferrugem e às marés.

Ou que deixei nalguma escura mansarda a pagar tributo à sombra e ao esquecimento.

Ou então larguei como cães a ladrar perto de meus irados cavalos.

E outros são joviais, turbulentos, com os longos sapatos rotos. E foram vagando mundo.

A quantos poemas deserdei e a tão poucos recolhi, garotos no orfanato?

Quanto fui caridoso com os poemas e os firmei no mistério?

E o poeta é um pai benevolente, aplicado.

O GALO CONTA

A Casa do Incesto: Daniel, Alex, Carol, Gustavo.

INCESTO ALTERNATIVO

A CASA DO INCESTO Produções Culturais, é uma instituição de Brasília, que se propõe a sacudir o marasmo cultural que atinge a capital do país. Pretende trabalhar produções alternativas. Dentro desta intenção surgiu a idéia de se realizar uma exposição de "Imprensa Alternativa". Para isso, foi colocado tal projeto na concorrência do edital "Novas Linguagens Artísticas" realizado pela FUNARTE — Brasília, e foi conseguida classificação. Assim, a referida exposição de "Imprensa Alternativa" terá lugar na sala Oswaldo Goeldi, em Brasília, de 29 de novembro a 10 de dezembro/89. Contará com material de todo o país, cada participante enviando 2 exemplares (no mínimo) das edições que deseja expor e também sugestões para a expo. O material enviado passará a ser parte do acervo d'A CASA DO INCESTO Produções Culturais. Será confeccionado um catálogo com todas as informações possíveis sobre o material (como é impresso — xerox, off-set etc., periodicidade, nº de paginas, endereço para contato e outras).

O pessoal d'A CASA DO INCESTO Produções Culturais (Caixa Postal 40.0272, CEP 72001, DF) pede que cada editor, cada fanzineiro, divulgue este trabalho em sua publicação e, se possível na imprensa de sua cidade. E todo material que venha a ser publicado seja enviado para o referido endereço, de preferência com a data, local e nome da publicação ou jornal. Pede também o envio de outros endereços para que possam ser acrescentados ao acervo.

PRÊMIO PEDRO KILKERRY

No dia 7 de novembro, às 17 horas, na sede da Academia de Letras da Bahia, à Avenida Joana Angélica, 198 (Palacete Góes Calmon), em Salvador, BA., foi entregue ao escritor José Guilherme da Cunha o Prêmio Nacional de Poesia Pedro Kilkerry/89. A premiação teve o patrocínio simultâneo da Academia de Letras da Bahia e da Copene — Petroquímica do Nordeste S/A. O prêmio homenageia em sua denominação a memória de Pedro Kilkerry, poeta simbolista baiano, redescoberto pelos poetas concretos como uma espécie de Mallarmé brasileiro, em seu nível exemplar de pesquisa e experimentação com a palavra.

COLETÂNEA EDICON

A Edicon, Editora e Consultoria Ltda., de São Paulo, nos mandou a coletânea "Escritos d'Hoje", reunindo mais de 50 trabalhos, poemas e contos de autores novos, alguns totalmente inéditos, surgindo pela primeira vez numa publicação literária. Os autores são: Gilson Marques Gondim, Lília A. Pereira da Silva, José Maria de Souza Dantas, João Barcellos, Claudio Thebas, Urhacy Faustino, Mário Matos, Elisa Bandeira, Augusto Uedamenótna, Marcello Biancalana, Marta Portugal, Valentina Ljubstchenko, Roberto de Souza, Salete Lobo, Luciano Lobo, Mônica Uint, Paulo de Souza Ramos, Renato Winckler, Francisco Igreja, Dalila Teles Veras, Arthur F. Baptista, Luiz Wanderley Torres, Antônio Jairo da Fonseca Motta Fagundes, Jaime Vieira, Vânia Lara Crelier, Sérgio Gerônimo, Carmem Cardim e Luiz Saulo Adami.

Como é dito na Introdução (por João Barcellos e Urhacy Faustino), o ESCRITOS d'HOJE é "uma modesta contribuição no âmbito das edições que permitem observar o outro lado da Literatura", ou seja: 'formar um espelho daquilo que ocorre e movimenta a Literatura para lá dos veículos tradicionais".

ÓRGÃOS DE IMPRENSA

No Rio de Janeiro, O CEDI — Centro Ecumênico de Documentação e Informação vem publicando ACONTECEU (semanal), órgão jornalístico dedicado ao acompanhamento das lutas encaminhadas por diversos setores populares. As notícias da semana estão agrupadas nas seções Trabalhadores Rurais, Trabalhadores Urbanos, Populações Indígenas (Índios), Educação Popular, Dívida Externa e Igrejas, que compreendem os programas básicos de atuação do CEDI. O ACONTECEU trabalha com notícias veiculadas durante a semana pelos principais veículos de comunicação do país (jornais e revistas) vinculadas aos temas destacados acima.

Recebemos o nº 18 de LUA NOVA, revista de cultura e política publicada trimestralmente pelo Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, de São Paulo, SP, em edição da editora Marco Zero. Este nº 18 refere-se a agosto, e tem como tema principal "relações internacionais e o Brasil". Colaboradores diversos (diplomatas, professores, jornalistas) comparecem com artigos dentro do tipo de preocupação que orientou o nº 18 de LUA NOVA: a necessidade de pensar, de vários pontos de vista, as transformações geográficas, políticas e econômicas do mundo neste final do sécuo XX, e os desfios que impõem ao entendimento e à ação.

Também editado pela Marco Zero, o nº 6 da revista TERRA LIVRE, órgão da Associação dos Geógrafos Brasileiros, trazendo como tema principal deste nº "Território e Cidadania".

ROMANCE SUECO

A Editora Marco Zero está oferecendo ao leitor brasileiro o romance "A morte de um Apicultor", do escritor sueco Lars Gustafsson, em tradução do francês por Mirian Paglia Costa. O livro está na coleção "Ciranda do Mundo". "Gustafsson é como um prisma que refrata a luz até os ângulos mais inesperados... Se Susan Sontag se encontrasse no meio do caminho com Woody Allen, obteríamos o mesmo gênero de 'jeux d'esprit', uma visão não menos insólita e uma efervescência intelectual não menos bonachona". Este comentário do grande escritor norte-americano John Updike não é circustancial: desde que sua obra começou a ser publicada na Europa e nos Estados Unidos, o escritor sueco vem obtendo um reconhecimento internacional crescente. "A Morte de um Apicultor", com que se introduz no Brasil a literatura ágil e moderna de Gustafsson, foi publicado na Suécia em 1978 e utiliza um procedimento clássico: o das anotações encontradas após a morte do personagem. Um método "anárquico", onde as elipses arrojadas interrompem o fluxo linear, intoduzem o silêncio no interior da narrativa, é o que permite a Gustafsson desenvolver um pensamento agilíssimo, deixando entrever na escrita as preocupações de sua formação filosófica ("Linguagem e Mentira", sua tese de doutoramento, também é de 1978), um grande senso de humor e, ainda, aquilo que Carl-Gustaf Bjurstrom (tradutor de Gustafsson para o francês) chamou de "seu absurdo credo", segundo o qual "uma pessoa não se rende: recomeça".

NOCAUTE MOSSOROENSE

Com a apresentação da peça "A Aurora da Minha Vida", de Naum Alves de Souza, no Teatro da ESAM, nos dias 3 e 4 de novembro, começou a atuação prática de um novo grupo de teatro na cidade de Mossoró, neste Estado. O grupo ficou intitulado NOCAUTE À PRIMEIRA VISTA, e nasce, não para protestar contra os enormes carros que invadiram as ruas mossoroenses, nem muito menos para desacatar as pessoas que chegam à cidade para morar e influenciam a população na forma de falar e de vestir. O que o NOCAUTE quer é valorizar a arte da cidade de Mossoró.

É objetivo do grupo elaborar um calendário para realização de cursos e oficinas, ministrados por bons profisssionais, revelando dessa forma talentos até então adormecidos na mesmice da cidade. Pretende-se des-

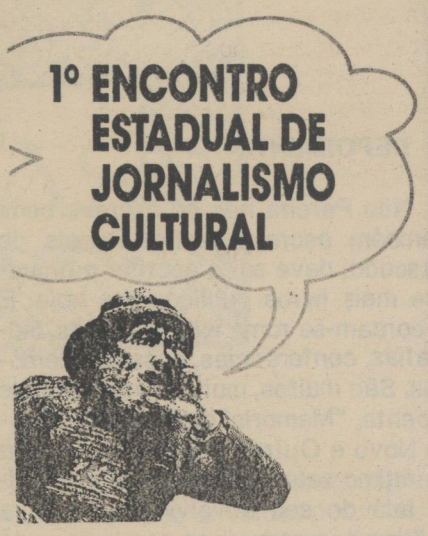
pertar na população o gosto pela arte de representar, apresentando boas produções da cidade e dos grandes centros, tão necessárias e por ora ausentes. Paralelamente a esse trabalho, o grupo prepara um projeto para tranformar o Cine Caiçara em Teatro Municipal. O coordenador geral do grupo NOCAUTE À PRIMEIRA VISTA é Gustavo Rosado. A peça "A Aurora da Minha Vida" teve direção, ambientação, iluminação, figurino, roteiro, programação visual e corpo por Chico Villa.

PROSAS DIVERSAS

Dois bons livros em prosa publicados pela Editora Marco Zero, de São Paulo, SP.: "As Mulheres, o Poder e A Família — São Paulo, Século XIX", de Eni de Mesquita Samara; e "O Desafio Alimentar" de Jacques Chonchol. O primeiro é co-edição patrocinada pela Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, e nele a autora traz amplo estudo das relações familiares na S. Paulo do século XIX, com destaque para o papel da mulher na família, o casamento, o divórcio e os concubinatos, assim como o que representam no contexto social da época. Em "O Desafio Alimentar", o autor oferece algumas repostas para o problema da má nutrição e da fome, que não atinge apenas os países sub-desenvolvidos ou em desenvolvimento, como também as grande nações, que vivem num estado de permanente insegurança e são periodicamente expostas a agudas crise de fome.

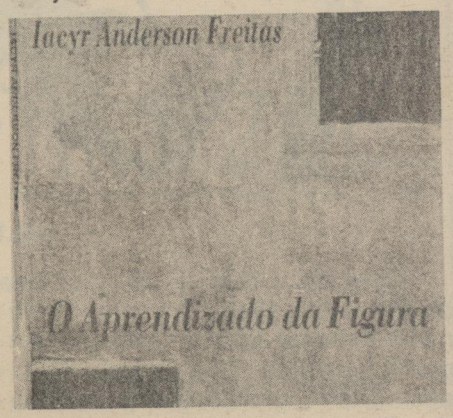
A Edicon — Editora e Consultoria Ltda., de São Paulo, SP., nos manda o livro "A Semana Regionalista de 22", de Francisco Igreja. Que examina o movimento regionalista brasileiro, abordando-o sob diversos enfoques, seja por seu conteúdo indianista, sertanista, o aspecto urbano, memorialismo biográfico, científico ou oficial, epistolografia e outros subsídios para a compreensão do fenômeno de relações do homem com a terra e suas instituições e tradições sociais que deram formação à literatura regionalista brasileira.

Embora também incluíndo alguns poemas, o livro "Crônica de Uma Cidade Chamada Natal", de Umberto Peregrino, publicado pela Clima, é livro de boa prosa, onde — conforme registra Manoel Onofre Jr. na orelha — "paisagens, tipos e fatos surgem do fundo das lembranças, compondo um painel sugestivo, rico de informações de interesse histórico e biográfico".



JORNALISMO CULTURAL

Entre os dias 2 e 4 de novembro, realizou-se em Porto Alegre, RS., o 1º Encontro Estadual de Jornalismo Cultural. Os locais do Encontro foram o Cinema Universitário — Sala Redenção, Reitoria da UFRGS. O Encontro foi aberto no dia 2 de novembro, com uma palestra de Zuenir Ventura (do Rio de Janeiro) sobre "Cultura: A Função dos Meios de Comunicação Visual". No dia 3 de novembro, houve os painés "Suplementos Culturais e Publicações Especializadas" (debatido por Tabajara Ruas, Wilson Bueno — do Paraná —, Juarez Fonseca e Carlos Urbim) e "Televisão" (debatido por Washington Novaes — de Goiás —, Waldir Zwetsch — de São Paulo —, Alfredo Fedrizzi e Geraldo Canali). Também no dia 3, houve uma palestra de Cremilda Araújo Medina (de São Paulo) sobre o tema "Teoria Cultural para a Formação do Jornalista". No dia 4 de novembro, houve os painéis "Rádio" (debatido por Liana Milanez Pereira, Nilton Fernando, Renato Martins, Lauro Hagemann e Dalmir Francisco — de Minas Gerais) e "Jornal" (debatido por Hélio Gama, Cláudio Helmann, Luiz Pilla Vares, Cremilda Araújo Medina e Vinicius Bosele).



LIVROS DE POESIA

Embora edição do ano 1989, vale ainda registrar a publicação da "Antologia Poética Danilo Giuberti", pelas Edições Caravela, de Porto Alegre, RS. Incluído como nº 2 da Coleção Borborema, o livro revela a poesia deste jovem (nasceu em 1964), "a um só tempo romântica e parnasiana, inspirada mais na dor do que no amor" — como escreve José Joffily na orelha. Pelas edições d'lira, de Juiz de Fora, MG., saiu o livro "O Aprendizado da Figura", poemas de Iacyr Anderson Freitas onde a prefaciadora Margarida Salomão viu "uma interpretação **dark** da vida, nobilitada pela consciência da linguagem, pela procura obstinada de uma geometria". O nº 9 da Coleção Signo da Rosa, da Editora Cromos, de Niterói, RJ, é o livro "Biombo", poemas de Cyana Leahy, "poesia da mulher deste fim de século. Sensual, sem obviedade. Forte, sem agressão. Frágil, sem subserviência" (Patrícia Blower). "Poemas Para a Criança", é o lindo livro de Odette de Barros Mott, publicado pela Edicon — Editora e Consultoria Ltda., de São Paulo, SP., poesia para se encontrar o futuro, "essa coisa que está no olhar e na utopia da criança, hoje" — como escreve João Barcellos na parte posterior da capa. Também da Edicon o livro "Os Poetas Nascem, Não Morrem", poemas de Marcello Pessoa cheios de coisas belas, principalmente em "Criança". Mais poesia Edicon: "Brasilíadas", poemas de Marcello Biancalana; e "Salmo de Pétalas no Cristal do Abismo", poemas de Lília A. Pereira da Silva.

REMINISCÊNCIA

O Professor Aimbire Pinheiro retorna aos caminhos da memória e lança em breve, em Natal, o livro "Reminiscência". São lembranças, recordações. Quase nenhum compromisso com a literatura, apenas com a vida.

BALADA DA INFÂNCIA PERDIDA EM INGLÊS

Balada da Infância Perdida, livro publicado no Brasil em 1986, pela Nova Fronteira, e que ganhou o Prêmio de Romance do Ano de Pen Clube do Brasil (1987), está sendo lançado simultaneamente na Inglaterra e Estados Unidos, com tradução e prefácio de John Parker, ex-diretor do Instituto Latino Americano da Universidade de Glasgow, Escócia, e que hoje é professor da Universidade de Aveiro, Portugal. Tradutor também de Autran Dourado, Parker vem sendo considerado pela crítica como um dos melhores na tradução de brasileiros para a língua inglesa.

A editora que está publicando "Balada da Infância Perdida" em inglês se chama **"Readers International"**, a mesma que publicou o **Essa Terra** (aliás, "The Land") do mesmo autor, que foi muito bem recebido pela crítica, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos.

DICIONÁRIO DE ENSAISTAS

O Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos, da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, está elaborando o Dicionário de Ensaistas Brasileiras — CIEC. Estão sedo levantados os dados bibliográficos de todas as mulheres que escrevem ensaios (crítica, biografia, história literária e artística) na área de Literatura e Artes em geral. Serão consideradas não só as autoras que têm obras publicadas mas também as que colaboram em periódicos. Este levantamento está sendo feito através de formulários que o CIEC está enviando às ensaístas que entram em contato com o Centro.

Estão coordenando este projeto as professoras Lúcia N. Araújo e Heloisa Buarque de Holanda.

As ensaístas devem escrever para o seguinte endereço: CIEC-ECO-UFRJ, Av. Pasteur 250 — Fundos — CEP: 22290, Rio de Janeiro/RJ.

Sergio Campos

SERGIO CAMPOS VENCE O CONCURSO NACIONAL DE POESIA DE BELO HORIZONTE

O poeta Sergio Campos, radicado em Nova Friburgo/RJ, com o livro "AS IRAS DO DIA", conquistou o 1º lugar no "CONCURSO NACIONAL DE POESIA CIDADE DE BELO HORIZONTE", ficando a 2ª colocação para o poeta Walmir Ayala, com o livro "MITOPOÉTICA". O prêmio foi outorgado por um júri presidido pelo poeta e acadêmico Gilberto Mendonça Teles e consiste na edição nacional do livro vencedor, com uma tiragem mínima de 1.500 exemplares, além de valor em espécie. Sergio Campos já se laureara anteriormente em diversos concursos nacionais, tendo vencido o da Universidade Federal de Alagoas, premiado no de poesia sobre o vinho, da Universidade de Caxias do Sul, o de poesia sobre o negro, da Prefeitura Municipal de Nova Friburgo (1º lugar), além de menções especiais no "Prêmio Manoel Bandeira, da UBE de Pernambuco e no da RIOARTE, em que recebeu ainda indicação para publicação. Sua poesia tem corte clássico mas incorpora elementos da escrita moderna. Colabora com os mais importantes Jornais Literários do país, sendo ainda crítico de literatura e tradutor.

LIVROS E AUTORES

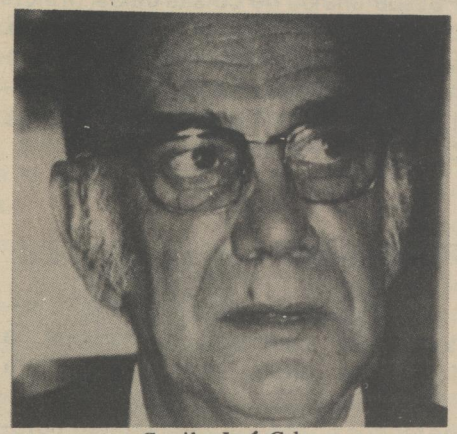
Jaime Hipólito Dantas

"A COMÉDIA HUMANA"

No Brasil se lê pouco porque quase ninguém tem "tempo para livro". Chega a parecer fantástico que uma editora brasileira se atreva a relançar "A Comédia Humana", de Balzac, e ainda mais neste 1989. Bem, mas a ousadia é da Globo, e a empreitada já começou. E, tão bom quanto ler Balzac em português, é ler o ensaio de Paulo Rónai que aparece no primeiro dos sabe-se lá quantos volumes que comporão a edição toda: umas 90 narrativas, equivalendo a algo como 10 mil páginas. Brito Broca refere-se num dos seus livros a um amigo, cinquentão, que lamentava não ter mais idade para ler Balzac todo. No seu ensaio o velho Rónai, na casa dos 80, dá-nos a entender que vez por outra ainda percorre por inteiro aquele universo, sem se cansar. Filho de livreiro, Paulo Rónai nasceu em Budapeste em 1907. Judeu, veio aportar no Brasil no começo dos anos 40, fugindo ao assédio de Hitler sobre o seu país. Como o austríaco Otto Maria Carpeaux, veio para ficar. Naturalizou-se brasileiro em 1945, e de então para cá não tem parado de escrever. E sempre em português, língua que aprendeu ainda em Budapeste junto com o latim, o francês, o alemão, o inglês, o grego, o russo. É um dos maiores especialistas em Balzac que há hoje no mundo. No Brasil, seguramente o maior.

MARY McCARTHY

Morreu no último outubro, 25, nos EUA. Tinha 77 anos e escrevia o fino. Nosso Paulo Francis disse certa vez que era a melhor prosa dos Estados Unidos. De veia polêmica, não pensava duas vezes antes de entrar numa briga. Defendeu vigorosamente a concessão de asilo a Trotski pelo governo do seu país. Em vão. Casada com Edmund Wilson, foi acusada por Anais Nin de ter "levado toda a mobília", quando a união se desfez. Nunca foi uma autora popular no Brasil (escritor nenhum é popular no Brasil). Mas sua autobiografia, "Memórias de uma Menina Católica", aqui lançada em 1987, não terá dado prejuízo ao seu editor.



Camilo José Cela

NOBEL

No ano passado o prêmio Nobel de Literatura foi concedido ao egípcio Naguib Mahfuz, que ninguém, no Brasil, sabia dizer quem era. Os acadêmicos Suecos têm o vezo de esnobar os chamados autores célebres. Não que não os leiam. Gore Vidal disse que eles nunca souberam outra língua além da língua sueca. Aí é indispensável que o candidato tenha os seus livros traduzidos para o sueco. Deve ter sido esta a sorte de Mahfuz, e a dos outros, desde o número um da série, o francês Sully Prudhomme. Neste caso, também a do laureado deste 1989, o espanhol Camilo José Cela. Só admira, falando de Cela, que cá no Brasil os resenhadores de livros praticamente o ignorassem. A falta que nos faz Otto Maria Carpeaux. Num velho livro seu, da década de 1950, vai-se ver e lá está ele fazendo o elogio do romance "La Colmena", de Camilo José Cela, que "deveria, mas não podia sair em Madri". Saiu em Buenos Aires e, a seguir, em Nova York, onde virou **best-seller.** Falangista a princípio, Cela por aquelas alturas já virara antifranquista, e daí, a censura, no seu país, contra o seu livro, um romance extraordinário, no juízo de Carpeaux. Mas "La Colmena" até hoje não foi traduzido no Brasil.

DEPOIMENTO

Nilo Pereira não só escreve bem. Também escreve muito. Depois de Cascudo, deve ser o escritor potiguar que mais livros publicou até hoje. E aí contam-se romances, crônicas, biografias, conferências, ensaios, memórias. São muitos, muitos livros. O mais recente, "Memorial do Recife: o Estado Novo e Outras Lembranças", saiu no último setembro, e nele Nilo Pereira fala do seu envolvimento com a política pernambucana nos tempos de Getúlio. Ou, para dizer melhor, de Agamenon Magalhães. O livro editado em forma de caderno (para a série "Cadernos de Reportagem", do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de Pernambuco), compõe-se dos artigos que durante algum tempo publicou Nilo no "Jornal do Comércio". Aí ele faz história à sua moda. Ao contrário do comum dos aficionados do gênero, escreve sem preocupação com a cronologia dos fatos, e a sua prosa é leve, gostosa, longe da prosa seca, dura, dos historiadores profissionais. O memorialista, o cronista do cotidiano, é o que conta, o que faz com que relatos como este "Memorial do Recife" possam ser lidos sem o enfado que frequentemente nos causam as obras ditas eminentemente históricas. Haverá quem não goste de ler Nilo Pereira?

ANTOLOGIA

"É preciso ser justo e não arrancar lírios do país alheio. O rosto da lua é o teu rosto. Estás em mim e és pétala em meu corpo. Teus braços são marfins. Nenhuma lágrima se revela. Jamais haverá outro setembro, jamais terei o cabelo tão curto, o ar tão sereno, jamais tantos desejos nos deixarão brincar com ameixas azuis". MARIZE CASTRO ("O amor é doce", in O GALO/Setembro, 1989).

Manoel Onofre Jr.: obsessão pela revisão dos próprios textos

GALERIA V

MANOEL ONOFRE JR. (Santana do Matos-RN, 1943). Contista ("A Primeira Feira de José", "Chão dos Simples"), ensaísta ("Salvados", "Estudos Norte-Riograndenses"), pesquisador ("Martins, Sua Terra, Sua Gente", "Breviário da Cidade de Natal"). Escreve, de preferência, a mão. E revisa os seus textos muito, muito. "Faço isso quase obsessivamente". melhor livro lido este ano, "O General e Seu Labirinto", de Gabriel García Márquez. Autores que lê (com prazer) no Rio Grande do Norte: Eulício Farias, Newton Navarro, Tarcísio Gurgel, Nei Leandro de Castro, Francisco Sobreira, Jarbas Martins. Um nome de futuro na literatura potiguar? Marize Castro, garante. Acha que, atualmente, não há um escritor brasileiro em condições de ganhar o prêmio Nobel de literatura. "No passado, sim, houve um: João Guimarães Rosa". Ou, mais para trás ainda, Machado de Assis. Não tem preconceitos antiacadêmicos. "As academias de letras são centros de convivência onde se toma chá e sempre se bate um bom papo". Mas, previne, não está se lançando candidato à Academia Norte-Riograndense de Letras. Manoel Onofre Jr. é também desembargador.

CARTAS

O GALO NA BRASILIENSE

Querida Marize, o Galo é todo encantamento. Foi com uma alegria adolescente que revirei as palavras e páginas da coleção enviada.

Nem quero falar da competente editoria, da máxima qualidade literária e crítica dos artigos, da genial programação visual interna, das convidativas capas..., etc..., pois tudo constitui apenas o suporte de uma sensibilidade infinita; a palavra escrita deste tablóide tem som e cor e hoje estou muito mais para sensações do que para juízos estéticos.

Recebi os 200 exemplares do nº 19 e tratei de distribuí-los da melhor forma possível, ou seja, mantive certa quantidade (40) na Oscar Freire e entrei em contato com pessoas de minhas relações que tinha a certeza receberiam e distribuiram O Galo com carinho.

O número 20 já é aguardado com ansiedade. Ainda posso conseguir diversas outras livrarias para distribuição, mas neste caso preciso de maior quantidade de exemplares. Se você puder mandar 400 jornais desta vez, eu garanto uma boa colocação por aqui. O canto d'O Galo far-se-á ouvir por toda vizinhança.

Nesta cidade de pouco sol e muitos negócios é um privilégio receber tanto carinho e sensibilidade.

Mônica Lungov
Gerente da Livraria Brasiliense
da Oscar Freire
São Paulo — SP

VERSOS DE CATULO

Chegou-me às mãos o nº 20 de "O Galo". O bicho canta alto, bonito e afinado em qualquer terreiro da Cultura Nacional.

Lembrei-me de uns versos de Catulo que dizem mais ou menos assim:

"Nesta floresta de versos,
Nesta espessa mataria,
Não se escuta a melodia
De um Chantelair de Rostand.
No sertão destes poemas,
Não canta um galo estrangeiro,
Canta um galo brasileiro,
Saudando a luz da manhã."

Waldy Sombra
Poeta
Fortaleza — CE

ASAS FORTES

Marize querida, recebi um garajau de Galos de Raça enviados por você. Cristas vermelhas, esporões afiados, esses galos-de-briga ciscam no terreiro frio desse Outono alemão rompendo auroras numa perspectiva sonora que me arrasta para fundos de quintais natalenses... Saudades, bichinha.

... E, tome querer bem de todos os lados, parabéns, vivas, prêmios, presentes, e ASAS fortes para alçar vôos além-província. Além Natal...

Você escreveu muito bem sobre Mestre Vitalino. Manoel vai gostar. "Vitalino: um nome **vital** para a cultura brasileira..." Lindo, Marize.

...Beijos, tudo de bom...

Paulo Mulatinho
Artísta Plástico/Presidente
da Associação de Origami
da Alemanha
Freising — Alemanha

O GALO DA TORRE

Sempre que recebo "O Galo" sofro aquela alegria-dor/cicatriz do natalense voluntariamente exilado pelos mundos de Deus.

O nº 17 de julho de 89 está demais. Parabéns. Desejo que este trabalho não se interrompa jamais. E que este GALO seja como aquele galo daquela torre da igreja de minha infância, aí em Natal, sempre anunciando uma boa nova para quem lhe desse ouvidos...Amém.

Rofram Fernandes
São Paulo — SP

PUBLICAÇÃO IMPORTANTE

Parabéns. Não sabia nem que existisse no Brasil uma publicação tão aberta e tão pouco preconceituosa... O Galo parece-me uma pubicação importante que lamento muito não ter conhecido antes.

Sérgio Wax
Escritor
Nice — França

ARTE NÃO BREVE

"Neste imenso e macunaímico país" (também paquidérmico e torporizado) letras & literatura pesam muito pouco. Mas não quero deitar falações sobre pedagogia & quejandos, pois não sou político profissional nem vivo cevado pela mamá pátria. Fazemos "A Ponte" (agora vamos pro number sieben) com supremas surpresas e dificuldades diversificadas, e o gostinho bom de pecado tá justamente nisso: nessa "disponibilité" quase gideana, na vontade férrea de fazer a coisa na marra, pegando o real pelos fundilhos. O jornal é in-de-pen-den-te (sem " " mesmo), sobrevive do minguado e mixuruca patrocínio de uns três gatos pingados e do próprio autopatrocínio.

Recebo amiúde "O Galo", e sempre recorto matérias pro meu arquivo **implacável** particular — coisas que interessam.

Vivemos o pesadelo collorido (dollorido) da mentira grandiloquente e transfinita. Aqui é o paraíso da safadeza transcendental. Mas não quero chatear com papos tipo sério demais nem catequeses dialéticas. Mas poderemos operar em bases reais. Difícil existir um rincão assim: isto não é Nação, é INação. Mas temos um jornal em nossa mão e isso deve servir para alguma coisa mais decente que não seja o exercício do "umbiguismo" intelectocerebral.

Receba alguns livros meus. Desejo ao Galo vida longa e arte não breve.

Marcos de Farias Costa
Poeta, ensaista
Maceió-Alagoas

EXEMPLO RARO

Sra. Marize Castro,

Tenho recebido regularmente "O Galo" que tanto me agrada e o coleciono como um exemplo raro de excelente pesquisa nesse ramo no Brasil. Aprecio imensamente o conteúdo assim como a qualidade da diagramação e programação visual desse jornal.

Aproveito a oportunidade para informar o quanto me sensibilizou ter constatado seu interesse na pesquisa que venho desenvolvendo, dedicando-me duas páginas no GALO nº 14, em abril de 1989.

Quero agradecer a referida publicação, assim como a remessa dos próximos GALOS plenos de canto da nossa terra.

Aproveito o momento para declarar os meus protestos de estima e consideração.

Muito atenciosamente.

Sérgio Bello
Artísta Plástico
Paris — França

VOAR MAIS ALTO

Meu primeiro despertar ao canto de "O Galo", foi na UBE/SP, e como me acordou...

Merecido prêmio de Mérito Cultural da UBE, não poderia deixar de parabenizá-lo.

Espero que as asas curtas e largas voem cada vez mais alto aos domínios da literatura.

Aproveito esta, para solicitar o envio desta publicação, sendo a mesma para futuras pesquisas em centro cultural no interior de Minas.

Rosário Bernardo Santos
São Caetano do Sul — SP

DORIAN JORGE FREIRE, UM DEVEDOR

Foi com prazer que recebi o exemplar de "O Galo". Surpreendeu-me a qualidade do jornal e o nível dos trabalhos, gostaria, como leitor, que fosse dada mais importância à cultura local e regional nesta fase de revisão cultural, quando estamos resgatando tantos nomes até agora esquecidos pela crítica tradicional. Não sei se já foi feito isto em relação a Ferreira Itajubá, um poeta que me parece um precursor de muitas formas modernas de poesia, assim como Nísia Floresta, Auta de Souza, Henrique Castriciano e outros que merecem ser lembrados nos seus diversos setores de atividades. A poesia moderna se enriquece muito com o conhecimento dos velhos.

Talvez seja um pouco de saudosismo da minha parte, pois estudei ginásio aí, no velho Colégio Santo Antônio dos irmãos Maristas, chegando, mesmo, em 1938, a publicar com alunos desse colégio e de outros um jornalzinho intitulado O POTIGUAR e que circulou apenas três números... Possuo, ainda, um exemplar do último publicado.

Senti alegria, também, com a notícia de que o velho amigo e companheiro de jornalismo (lá se vão trinta anos!) Dorian Jorge Freire irá lançar o seu primeiro livro. Ele já era um devedor para com os leitores de boa literatura.

Finalmente, estou enviando, separadamente, o meu último livro HISTÓRIA DO NEGRO BRASILEIRO. É um trabalho de divulgação, numa coleção para-didática da Editora Ática. Produção residual de pesquisas anteriores.

Espero que vocês continuem no mesmo caminho. Um abraço fraterno.

Clóvis Moura
Escritor
São Paulo — SP

We lose — because we win
Gamblers — recollecting which
Toss their dice again!

Emily Dickinson

Um perde — o outro ganha —
Jogadores jogados
Lançam de novo os dados!

Tradução-arte de Augusto de Campos